

FLÁVIA PADULA

A man with short brown hair and a light beard, wearing a dark, high-collared cloak, stands in a European city street. He is looking back over his right shoulder towards the camera. The background shows blurred classical architecture with arches and windows.

O CAVALHEIRO
DE
SHETWOOD

SÉRIE CONTOS DE NATAL – LIVRO 03



O Cavaleiro DE SHETWOOD

3º LIVRO DA SÉRIE CONTOS DE NA
TAL

Flávia Padula

Copyright © 2018 Flávia Padula

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora.

CAPA: RANS

REVISÃO: MORGANA BRUNNER

A AUTORA

Depois do livro De Volta à Casa da Colina, eu me perguntei: O que houve com Alegra Keller depois que Robert Stanford desfez o noivado e casou-se com Beatrice? Então, a história surgiu. Espero que se apaixonem por mais esse conto de Natal.

Com carinho,

Flávia Padula

“Vim para os teus braços chicoteada pela vida e quando às vezes deito a cabeça no teu peito, passa nos meus olhos, como uma visão de horror, a minha solidão tamanha no meio de tanta gente.”

Florbela Espanca, em Correspondência (1921)

SUMÁRIO

[A AUTORA](#)

[PRÓLOGO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[EPÍLOGO](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

PRÓLOGO

Esta história começa muito antes do que se imagina. Alguns podem pensar que se iniciou quando nasci, ou depois da morte de meus pais, ou quando conheci meu desagradável tio, o Marquês de Dalton, Thomas Keller ou sua insuportável e amarga esposa Lady Clotilde e meu orgulhoso primo Raphael. Ou quando perdi meus pais e vim morar com meus parentes, ao sul de Londres.

Talvez, o pensamento o leve até meus dias de clausura em um dos poucos conventos da Inglaterra, ou para as frágeis linhas das cartas que sempre troquei com minha única amiga Lady Anne Claire Bouth, a filha única do Conde de Everleigh.

Ainda haverá aqueles que buscam o início desta narrativa em meu retorno para Dalton aos dezessete anos e meu noivado forçado com o senhor Robert Stanford, o filho do Duque de Montgomery. Tem pessoas que vão crer que tudo começa quando o senhor Stanford desfez o noivado para se casar com Lady Beatrice Turner e causou um enorme escândalo em Londres.

Contudo, o que institui este livro é o amor incondicional de meus pais. Um sentimento tão forte e arrebatador, tão intenso e repleto de paixão, que mesmo após a morte deles, tal anseio permanece em mim. Recordo-me da troca de olhares apaixonados, sorrisos furtivos de desejo, o leve roçar dos dedos masculinos sobre a mão feminina e delicada durante o sarau ou o jantar. O cavalheirismo de meu pai ultrapassava o puxar da cadeira, o abrir de uma porta, o levantar toda vez que minha mãe surgia. Ele o fazia por puro contentamento, apenas por ela respirar o mesmo ar que ele.

Havia uma admiração ímpar naquela união. Era mútua e plena. Estava arraigado nos átrios de meu coração, no mais profundo da minha alma, havia nascido em mim essa certeza de amar e ser amada, do conhecimento e da esperança de que sem o amor abençoado, eu nada seria.

E nessa crença cega de que na vida não há outro objetivo que não seja manter-me a espera do jovem cavalheiro que me desperte imensa emoção, a ponto de torná-la um franco sentimento duradouro, para que toda uma vida tenha sentido e cause em nossos filhos o mesmo efeito que causara em mim: estou aqui. Com a segurança de que há outro ser neste mundo que velará por mim quando meus olhos não puderem mais alcançar os perigos eminentes que me cercam, e que estará ao meu lado em todos os momentos.

Um amor puro e imaculado. Forte e corajoso. Carregado de beleza como a mudança das estações que nunca envelhecem, apenas se fortalecem.

Quando eu fiz dez anos, meus pais morreram em um naufrágio, no Mediterrâneo. Eu estava brincando no jardim de nossa casa, em Londres, quando eu os vi. Eles vieram dizer adeus. Mamãe estava com seu vestido verde, da cor dos seus olhos, ela acenou para mim e me mandou um beijo no ar, rindo feliz. Meu pai também sorriu e disse que me amava. Eles deram as mãos e foram em direção ao horizonte avermelhado.

Embora a dor da perda fosse eminente, passei a amar o pôr do sol. Admirar o crepúsculo é como ler uma poesia, saber que há paz na morte e que nunca estou sozinha. Quando o sol se põe e o vento da noite sopra seus mistérios, fecho os olhos e me sinto abraçada pela onda de amor de meus pais, sou tomada de uma saudade tão aprazível. Sei que eles desejam que eu possa cumprir minha missão neste mundo: encontrar o amor.

Entretanto, há algo que me intriga: como sabemos quando o amor chega? Quando ele está à nossa porta? Como sabemos discernir nossos

velhos sentimentos tolos e fantasiosos da mais real emoção de entregar-se ao arrebatamento que apenas o amor proporciona? Foi quando me fiz esta pergunta, que esta história começou.

Onde está o amor?

Eu estava sentada no escuro da sala de música, as lágrimas derramavam por meu rosto, marcando-o. Robert Stanford acabara de sair da casa. Ele havia desfeito o noivado comigo, estava apaixonado por outra, Beatrice Turner, a filha adotiva do Conde de Waterford. Há algumas semanas, ouvi rumores sobre o fato, os empregados falavam que os dois foram vistos em uma pequena cidade do interior, Shetwood. Havia fofocas pairando pelos salões de baile e saraus, mas eu não podia acreditar. Minha única chance de sair daquela casa havia esvaído por meus dedos como água. Agora, estava machada, nenhum outro homem queria uma senhorita abandonada pelo noivo.

E não era qualquer noivo, era o filho de um duque, um dos homens mais importantes da Inglaterra. Robert era um homem cobiçado, as jovens senhoritas desdenharam que eu merecesse me casar com ele quando nosso noivado foi proposto há mais de três temporadas. E as más línguas estavam certas: eu não era boa o suficiente para mantê-lo ao meu lado. O lindo Robert Stanford ficou diante de mim e disse com todo cuidado de um cavalheiro:

— Não fique pensando que não é merecedora de amor, Alegria, é uma bela jovem e os pretendentes se matarão para lhe fazerem a corte. — Ele discursou com sua voz melódica e a postura de um cavalheiro que se apresenta diante de uma tribuna. Parado no meio da sala, ele me olhava com pena, e prosseguiu: — E não foi Lady Waterford que nos separou. A verdade é que nunca estivemos unidos a não ser por um acordo entre nossos pais e

não por um elo mais forte entre nós, algo concreto em nossos corações. *Beatrice* — Ele proferiu o nome dela com paixão nas letras e uma intimidade notável. — Apenas me mostrou que eu jamais poderia fazê-la feliz, Alegria.

Não foram as palavras que doeram. Muito menos sua sinceridade. Foi o amor que ele devotava à *Beatrice* e que eu não fui capaz de despertar-lhe. Mesmo nos poucos encontros que tivemos ao longo daqueles meses desde que voltei do convento, nunca sentimos nada além de mero apreço, nada intenso e arrebatador como ambos esperávamos.

Forcei um sorriso para ele, nada mais. Não conseguia proferir uma palavra. O que deveria dizer a ele? Que ficasse comigo e me salvasse daquela loucura que havia se tornado minha família? Que não se importasse com a falta de sentimento e se atrelasse a um casamento por conveniência?

Ele partiu tão rápido quanto havia chegado, e levei alguns segundos para entender o que estava acontecendo. Eu fui deixada de lado por outra mulher e isso doía profundamente, como um sentimento egoísta, ele não podia amar outra, não podia desejar outra mesmo que não sentisse nada por mim. Sua vontade de honra, o compromisso deveria ser maior.

Desisti de lutar contra esse fraco argumento. Eu conhecia a força do amor, apesar de nunca a ter sentido. O senhor Stanford estava tão enlevado que não poderia sequer pensar em meu sofrimento, ele necessitava viver o amor, senti-lo, arrebatarse em paixão. Apesar de magoada pela decepção do abandono, minha razão podia compreendê-lo perfeitamente. Talvez, assim eu conseguisse lamber minhas feridas diante daquela desculpa e me recuperar de tamanho tombo social e aparente.

O som de uma porta batendo, fez com que eu voltasse à realidade crua: Robert me abandonara. Entretanto, enquanto meu bom senso fora

levado pelo vendaval de informações, eu fiquei perdida em minha própria dor. Estava sufocada e desacreditada. Ouvi passos firmes aproximarem-se da porta e a abriram com um empurrão. Tive vontade de gritar para que me deixassem sozinha, mas parecia impossível que eu me movesse.

Meu tio, Thomas Watson Keller, Marquês de Dalton, se aproximou furioso. Ele era magro, alto, seus cabelos grisalhos caíam sobre a testa em um sinal de fúria e descontentamento:

— O que foi que você fez? — Ele esbravejou.

Não respondi. O que poderia dizer? Que eu não era Lady Beatrice Waterford, bonita o suficiente para que Robert se apaixonasse por mim? Ou dona de uma personalidade forte e arrebatadora, capaz de envolver os homens sem qualquer dificuldade? Eu conhecia a mim mesma melhor do que ninguém e a todos os defeitos que isso englobava, inclusive minha falta de beleza e meu dom natural de atrair a atenção masculina ou flertar. Eu era apenas comum com meu cabelo castanho, meus olhos escuros, pequena demais e meu corpo muitas vezes parecia o de uma criança e não o de uma mulher de dezoito anos. As freiras do convento diziam que eu não tinha corpo para ter filhos e que deveria ser apenas a esposa de Cristo e me conformar com a vida na clausura.

Mas eu não podia. Meu coração queria mais, minha alma clamava pela liberdade de amar e ser amada. Desejava ter uma família, filhos, um marido bom de quem cuidar e que me devotasse à mesma confiança e carinho. Envelhecer vendo meus filhos crescerem e deixar esta terra com meu legado de amor. Pensei que isso poderia acontecer com Robert, mas não foi possível e isso era dolorosamente frustrante.

O bem da verdade era que minha desilusão se devia ao fato de que eu

não sabia como o amor se dava entre o casal, mas queria que ele acontecesse de qualquer forma. Estava cansada de ficar sozinha, dentro daquela casa onde eu não era bem-vinda.

— O Duque de Montgomery me procurou esta tarde e me contou sobre o acontecido! A senhorita deveria ter-me enviado um bilhete avisando! — Ele não parava de falar. — Eu o teria impedido!

Eu não tinha ânimo para me justificar ou discutir. Robert chegara de inesperadamente com suas frases de despedida. Não havia como avisar alguém e, eu não desejava fazê-lo, mesmo se pudesse. Não se envia bilhetes de tristes avisos sobre si mesmo a quem quer que seja.

— Estou decepcionado! Nunca pensei que seria tão insípida a ponto de não lutar por seu futuro! Quem desejará se casar com uma moça da sua estirpe, que tem a honra manchada pelo abandono e pelo passado vergonhoso de sua mãe? O que pensa em fazer agora?

Morrer? Eu me perguntei em silêncio. Não há nada mais desagradável do que estar decepcionada com a vida e alguém lhe questionar do que você pretende fazer a partir daquele momento. Eu não conseguia ao menos compreender a rasteira que o destino me dava e meu tio exigia um posicionamento?

— Diga alguma coisa em sua defesa! — Ele exigiu cuspiendo as palavras cheias de cólera.

— Palavras não vão mudar o que aconteceu, tio — foi tudo o que consegui falar.

Ele ergueu a mão para me bater, mas parou. Não me encolhi como fiz

muitas vezes à espera do pior, eu simplesmente deixei que ele fizesse o que queria e quem sabe assim, me deixasse em paz. Ele me deu as costas e caminhou pela sala como um animal enjaulado, levando o punho serrado à boca, como se controlasse toda sua ira.

— Essa sua apatia é irritante! — olhou para mim com o punho em riste. — Outra mulher mais voraz lutaria por seu futuro. Você não! Fica aí sentada, olhando para nada! O que espera? Que ele se arrependa e volte correndo?

Eu não esperava nada, a não ser o direito de ficar sozinha e lamentar a minha perda. E ainda ter que permanecer ali, ouvindo aqueles absurdos.

— Levante-se, Alegria! — Ele exigiu. — Era o que seus pais fariam! Sua mãe nunca foi uma verdadeira dama, mas ela lutou por seu pai quando nós fomos contra o relacionamento! Faça jus ao sangue que corre em suas veias! Levante-se e tente ficar bonita e vá falar com Stanford, agora! — O grito dele soou.

Eu tremi inteira diante do grito. Batidas na porta, interromperam as palavras duras de meu tio e à minha espera por uma surra violenta e desumana.

— Entre! — Ele gritou.

John, o mordomo, entrou e fez reverência:

— Perdoe-me, senhor, pela intromissão, mas é que Lorde Raphael Keller acaba de adentrar com sua carruagem à propriedade!

— Raphael? — Thomas franziu o cenho. — Pensei que veria meu filho apenas no Natal.

Levei a mão ao rosto e respirei fundo, enxugando as lágrimas. Meu primo não poderia ter chegado em pior hora. Meu tio não estava bem-humorado com o fim do noivado e ficaria mais furioso ao descobrir o noivado secreto de Raphael com uma plebeia. Seria um dia de total desastre sob o teto dos Keller. Eu havia recebido a carta de meu primo há alguns dias, dizendo que estava vindo de Oxford definitivamente e ia apresentar a mulher que amava ao pai, uma moça simples, filha de um ferreiro, sem qualquer resquício de dinheiro ou nobreza.

Eu sabia o quanto isso ia fazer o marquês perder a cabeça, definitivamente.

Meu tio olhou para mim e estreitou o olhar:

— Enxugue essas lágrimas e venha comigo. Acabo de tomar uma decisão...

Meu coração se encolheu diante da determinação de meu tio.

— E qual seria? — perguntei enquanto o seguia para fora do salão em direção ao vestíbulo.

— Já que não é capaz de encontrar um noivo decente para si, eu a casarei com Raphael... — avisou decidido.

— O quê? — engasguei chocada. — Não pode ser... Somos primos, não há nada entre nós e, além disso...

Ele parou de repente e voltou-se para mim, mais furioso ainda se isso fosse possível.

— E o que acha que devo fazer? Não posso mantê-la nesta casa o resto da vida como uma sobrinha solteirona, seria uma vergonha! —

continuou nervoso: — E a senhorita não é capaz de conseguir outro pretendente antes que o escândalo do abandono se espalhe. Sinto que Raphael não poderia ter chegado em hora melhor...

— Mas somos como irmãos! — justifiquei.

O Marquês deu um passo ameaçador, estava pronto para me agredir se necessário, para que sua vontade fosse feita.

— Não ouse me contrapor! — ameaçou. — Está decidido e assim será!

E voltou a caminhar para encontrar o filho. Eu balancei a cabeça em negativa, enquanto mais lágrimas escorriam por meu rosto, seria um desastre quando ele declarasse ao meu primo sua horrenda proposta. Eu o segui, angustiada. Ele não podia fazer isso, decidir a vida de todos assim, como se fôssemos peças de um jogo de xadrez. Eu mal havia me recuperado de uma decepção, ele desejava me jogar na cova dos leões? Quando meu tio descobrisse sobre o noivado de meu primo, seria um inferno!

Entretanto, quando chegamos à porta era tarde demais para que o destino mudasse o rumo da tempestade que estava prestes a acontecer. Meu tio sorria orgulhoso quando Raphael desceu da carruagem, muito bem vestido e bonito como sempre: os cabelos castanhos, o porte elegante e arrogante, um exímio cavalheiro. Contudo, quando ele se virou e uma mão feminina surgiu para que ele a tomasse e a moça descesse também, o sorriso desapareceu do rosto do marquês.

A filha de um ferreiro de Oxford, Irene Kimplestone, era uma singela moça. Havia graça em seu olhar, uma beleza singular em seus olhos amendoados e os cabelos escuros. E esses detalhes poderiam ter

impressionado o marquês, e o feito compreender a atitude impensada de seu filho, caso não fosse à aparência humilde da moça.

Caso, Raphael Keller tivesse usado de alguma astúcia e preparado Irene para aquele encontro, vestindo-a como a jovem noiva de um lorde deveria se trajar, aconselhando-a como se portar perante um homem com título arrogante e insensível como o meu tio, ele teria ludibriado o pai naquele primeiro confronto e ganhado tempo para convencê-lo de que a união deles era merecida perante a sociedade. Entretanto, em sua rebeldia jovem e imatura de convencer ao severo marquês a aceitar a quebra de regras sociais, Raphael condenou Irene a humilhação e a si a um futuro casamento muito mais indesejado do que pudesse imaginar.

O vestido simplório da moça, o chapéu sem rendas e adornos, a pequena bolsa agarrada ao braço, que parecia ter sido feito do mesmo tecido grosseiro do vestido, por alguma costureira descuidada, faziam com que a cada passo, Thomas Keller a olhasse com repulsa e desprezo. Não por sua classe social, ele não era o tipo de homem que destratava pessoas inferiores à sua posição, entretanto, o que lhe incomodava era o olhar apaixonado que o filho devotava àquela estranha e o modo possessivo como a conduzia pelas escadas da mansão.

Irene não estava preparada para aquele momento, e eu sabia que pelo olhar doce e ingênuo da moça, ela jamais estaria. Olhei para o meu tio e o vi franzir o cenho e comprimir os lábios em uma linha fina de puro desagrado. Meu coração bateu mais forte quando Raphael, com um sorriso largo de felicidade, olhou para o pai e anunciou:

— Senhor, quero lhe apresentar minha noiva, Irene Kimplestone.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor. — Ela cumprimentou o

marquês sem nenhuma reverência, nada. Era como se ela falasse com algum amigo do gueto onde morava e não com um homem de linhagem pura e sangue nobre.

Thomas olhou para ela de forma tão severa que a fez retroceder. Depois fitou Raphael e este o enfrentou com o olhar, erguendo o corpo em um gesto de desafio. Ele virou-se dando as costas ao casal e falou comigo, a fim de que o filho e a suposta noiva ouvissem:

— Diga ao Lorde Keller que os empregados devem entrar pela porta dos fundos... E que eu o aguardo em meu escritório. Imediatamente! — exigiu.

E após essa frase humilhante, entrou em casa. Engoli em seco e vi que Irene continha as lágrimas. Raphael estava vermelho pela raiva, odiando cada segundo da situação. Senti que meu problema com Robert Stanford não parecia de perto tão horrível como a situação de Irene e o que estava por vir. Apressei a consertar a ocorrência de certo modo e me aproximei deles:

— É um prazer em conhecê-la, senhorita Kimplestone — forcei um sorriso. — Seja bem-vinda a nossa casa — olhei para Raphael com carinho. — Fico feliz que tenha retornado. Por que não vai falar com meu tio, enquanto levo sua noiva para tomar um chá?

Raphael assentiu, ainda abalado pela atitude de seu pai. Eu me perguntei se ele realmente tinha acreditado que o orgulhoso marquês aceitaria uma moça sem posses como nora. Senti pena dele por ser tão sonhador e às vezes, tolo.

— Claro. — Ele concordou retomando a postura para tranquilizar Irene, que estava tremendo. Tentar consolá-la naquele momento, apenas

pioraria a situação. Ainda bem que eu estava ali para salvá-lo. — Vou falar com ele — avisou-me e olhou para Irene. — Alegria vai recebê-la, espero que fique à vontade.

— Ouviu o que seu pai disse. — Ela murmurou para Raphael, em um constrangimento humilhante. — Talvez seja melhor eu esperar na carruagem...

— O Marquês não reage bem aos imprevistos! — Eu justifiquei a atitude intempestiva de meu tio. — Tomaremos chá em uma sala reservada onde ninguém poderá nos incomodar. Prometo — assegurei.

Posto daquele modo, a moça anuiu. Estava insegura com aquela situação e notei que minhas palavras foram como um bálsamo para sua insegurança, agora, destruída pelo futuro sogro.

— Desculpe-me, Irene, eu não lhe apresentei minha prima Lady Alegria Keller. — Raphael sorriu mais amistoso. — Quero que conheça minha noiva Irene... — E olhou para mim em agradecimento por salvá-lo naquele momento.

Peguei a mão de Irene que estava fria como um gelo. Ela não usava luvas, poderia emprestar alguma que me pertencia, caso isso não a ofendesse.

— Venha, Irene. — E olhei para John. — Por favor, John, traga chá e biscoitos para nós, na sala reservada...

— Como quiser, senhorita. — John fez reverência e foi atender meu pedido.

Com cuidado, eu dei o braço a Irene e a levei para a sala reservada, o

único lugar da casa em que meu tio nunca entrava. A moça olhava tudo ao redor, abatida, uma angústia jamais sentida antes. E eu, em todo meu desconforto das terríveis notícias recebidas naquelas últimas horas, me compadecia da humilhação pela qual a pobre Irene foi obrigada a passar. E algo me dizia que viria mais, meu tio não a pouparia de todo o vexame por não ser uma nobre e por ousar se envolver com Raphael.

— Obrigada, Mary — agradei a copeira que logo se retirou fechando as portas e me voltei para Irene. — Acredito que a viagem tenha sido cansativa.

— Muito — respondeu apertando a bolsa sobre o colo.

— Sua família é toda de Oxford? — perguntei enquanto servia o chá tentando distrair a moça.

— Sim — respondeu nervosa, sem tirar os olhos da porta.

Terminei de servir o chá e a porta foi aberta intempestivamente. Assustei e levei a mão ao peito, enquanto Irene se colocava de pé, pronta para correr se fosse necessário.

— Vamos embora! — Raphael entrou e foi até Irene. — Não há nada para mim nesta casa!

— O que houve? — Eu o questionei dando um passo para ele. A conversa fora rápida demais.

Ele me fitou com desprezo:

— Fique longe de mim! — esbravejou e estreitou o olhar com ódio.
— Como ousa agir pelas minhas costas?

Não compreendi:

— Do que está falando?

— Meu pai me contou sobre o acordo de casamento que *você* *aceitou!* — Ele a acusou. — Não esperava que fosse tão baixa!

Não podia acreditar que meu tio chegasse a tanto, que falasse em meu nome, mentindo e enganando para conseguir o que desejava. E eu me perguntava por que esse desespero, de repente, em me ver casada.

— Não é bem assim... — Tentei argumentar.

— Não me importa! — Ele me cortou com grosseria. — Estou partindo desta casa para nunca mais voltar! Ele me deserdou e a culpa é sua! — E segurando o braço de Irene com força, levou a jovem para fora dali.

Eu os segui até a porta e vi meu primo praticamente jogar Irene dentro da carruagem e partir. Atordoada, voltei para dentro da casa e encontrei meu tio no escritório:

— O que aconteceu? — perguntei preocupada. — Raphael saiu daqui nervoso, me acusando de coisas que não fiz!

Thomas me fitou com desprezo:

— A culpa é sua! — Ele se ergueu da cadeira e apontou o dedo em riste.

— Minha?

— Não consegue ao menos ser atraente a ponto de que um homem a deseje e queira casar! — falou com raiva. — Raphael disse que preferia

casar com um porco a você!

Levei as mãos aos lábios, chocada. Não podia imaginar que causasse tanta aversão ao meu primo.

— Ele não diria isso... — fiz que não. Mas sabia que Raphael podia ser grosseiro a esse ponto, especialmente, quando estava irritado, ele se parecia muito com o meu tio.

— Não consegue segurar um homem! É tão feia que é digna de pena. Talvez, eu a trancafie em um convento para que os homens não tenham que sequer olhá-la...

Nunca me senti tão ofendida em toda a vida. Foram palavras tão afiadas quanto uma faca e cortaram meu coração de uma só vez. Levei a mão ao peito e desesperada, saí correndo, atravessando a casa e saindo pelos jardins. Chorava copiosamente, não conseguia enxergar nada a minha frente. Tinha apenas um pensamento: a morte seria mais agradável do que suportar a amargura daquela afronta.

2

Eu corri o mais depressa que podia, atravessando os jardins, para bem longe daquela casa e qualquer sofrimento. Eu não aguentava mais. Havia chegado ao limite de minhas forças. Eu corria pelos campos de lavanda, sujando a barra de meu vestido branco. Cheguei a cair, ferindo minhas mãos e joelhos, mas não parei, segundos depois me levantei e continuei a correr como se fosse perseguida por mil demônios.

Corri em direção ao lago, sem parar e sabendo que não sabia nadar. Era melhor assim o fim para todos e ninguém poderia me impedir de conseguir. Não haveria mais escândalos sobre o nome de minha mãe, dúvidas sobre a morte de meu pai, não haveria mais as palavras ofensivas de meu tio, os olhares de desdém das pessoas. Ninguém teria mais motivo para rir da noiva abandonada, ou da sobrinha do marquês que vivera enclausurada em um convento até a data de seu casamento que nunca ocorreu. Ninguém me chamaria de feia ou horrenda, ninguém riria mais de mim. Eu estaria livre.

Pulei na água e senti o choque do frio, e meu corpo afundou. Tudo depressa. Prendi a respiração, mas logo o desespero tomou conta e eu lutava para voltar à tona e respirar, mas era tarde demais. Eu não sabia nadar e fui afundando na água turva, enquanto lutava para respirar e a água invadia meus pulmões e queimava meu corpo. É uma horrível sensação de desespero, mas tão rápida e dolorosa que você tem a certeza que jamais se esquecerá do quanto pesa abandonar essa vida de forma tão abrupta e por vontade própria.

Então tudo escureceu e eu parei de lutar por minha frágil e tola vida...

— Graças a Deus! — A voz masculina soou acima de mim e eu tossi, cuspiendo água.

Estava engasgada e me sentei desesperada, em busca de ar e braços fortes me seguraram.

— O que significa isso?

A voz do Marquês soou próxima a mim. Pisquei várias vezes antes, tentando entender o que acontecia. Vi que meu tio se aproximava com passos largos, acompanhado de John e mais outro empregado que ficaram à distância. Meu tio parou diante de mim, as mãos na cintura e disse exasperado:

— Isso é uma vergonha! — falou colérico. — Como ousam profanar os bons costumes jogando-se na luxúria?

— Senhor Keller. — O homem tentou falar enquanto eu voltava ao meu estado normal.

— O que houve? — murmurei olhando para o homem que me segurava e depois para o meu tio.

— Eu salvei sua vida. — O homem explicou me deixando atordoadada.

— É uma vergonha, uma infâmia! — Thomas prosseguiu. — Arrumem-se e voltem para a propriedade, quero os dois em meu escritório, agora!

O marquês voltou para seu cavalo e se foi sem olhar para nós.

Levei alguns segundos para compreender o que estava acontecendo. Eu me recuperei do primeiro choque e olhei para o homem atentamente. Então o reconheci: era Gregory MacCallister, empregado do Duque de Montgomery. Ele era um homem grande e forte. Os cabelos escuros estavam molhados e pendiam sobre a testa, os olhos muito escuros, o queixo quadrado, os lábios comprimidos pela tensão. As gotas de água escorriam pelo rosto bonito, desciam pelo pescoço e escorriam pelo peito largo exposto que subia e descia com a respiração arfante. Constrangida, me afastei de supetão, quase caindo, arrastando para longe dele. Notei que meu vestido estava aberto e parte do meu seio exposto. Soltei um grito e me afastei do senhor MacCallister como se ele tivesse alguma doença contagiosa.

— O que foi que fez? — perguntei me atrapalhando para levantar e ajeitando o vestido molhado e grudado em minha pele.

O senhor MacCallister levou as mãos aos quadris e respirou fundo controlando seu mau humor irlandês. Ele era alto, porte dominante. Eu me afastei mais e o olhei, atordoadas.

— A senhorita estava se afogando e eu a salvei! — falou ríspido.
— O que eu deveria ter feito? Deixá-la morrer?

Ele se virou para pegar suas roupas e exibiu as costas largas e bronzeadas. Virei o rosto para o outro lado, envergonhada pelo calor que se apoderou de mim. Não sabia que o empregado dos Montgomery era tão bonito. O vi poucas vezes desde que retornei do convento, sabia que trabalhava em Londres e ele sempre vinha a Dalton para tratar de negócios com o meu tio, sendo sempre educado e cordial. Aparentava ser um homem íntegro e nunca me devotou um olhar vulgar ou palavras fora do contexto.

Fechei o vestido ainda mais e respirei fundo. Olhei novamente para

ele e fiquei aliviada por já o ver com a camisa e vestindo o casaco, antes de colocar as botas de má vontade. Ele salvara a minha vida quando não precisava ter feito isso. Eu havia perdido a cabeça diante das palavras de meu tio e tudo de ruim que me acontecera. Preferia ter morrido, entretanto, tinha que ser grata ao senhor MacCallister por ter me dado uma segunda chance.

Meu coração bateu mais forte e tímida, me aproximei e falei quase gaguejando:

— Sinto muito, senhor MacCallister! — Havia pesar em minha voz.
— Eu não queria lhe causar dano algum, juro. Perdi a cabeça e cometi um erro terrível, tenho que ser grata por ter me salvado. Não sei como posso reparar a indiscrição de meu tio e a minha.

Ele ouviu minhas palavras e sua raiva se anuviou, deixou de franzir o cenho e assentiu.

— Sinto muito, senhorita. — Ele falou sincero. — Mas quando a vi correr desesperada, temi pelo pior e não pude ficar parado vendo-a sofrer sem ajudá-la.

Altruísmo. Concluí. Conheci poucas pessoas inclinadas realmente a preocupar-se com o próximo de forma espontânea e sem interesse. Graças aquele homem, eu poderia seguir com minha vida, independente do que o futuro me reservava. Fui tomada de uma vergonha da qual era impossível me desfazer. Minha impulsividade me causara mais um transtorno, se já não bastasse todo o horror do dia.

— Obrigada — esfreguei as mãos, ansiosa, e o vento frio bateu contra o meu corpo molhado. Greg pegou sua casaca no chão e bateu no grosso tecido de veludo, tirando a grama e colocou sobre os meus ombros.

Estava quente, era como se eu ainda pudesse sentir o calor dele contra o meu corpo. Foi uma sensação tão gostosa de proteção e segurança que não consegui falar nada. A voz estava presa no fundo do meu estômago.

— Acredito que seu tio vai querer boas explicações sobre o que aconteceu — comentou, preocupado. Voltou a franzir o cenho e as sobrancelhas quase se uniram.

— Eu direi tudo a ele — assegurei. — Não deixarei que pague por meus erros. Há uma explicação plausível para minha atitude que acarretou todo esse mal-estar e ele sabe disso.

E o que meu tio faria? Nada. Talvez tentasse fazer o rapaz perder o emprego, mas eualaria em favor dele, o defenderia e o Duque de Montgomery compreenderia a situação. Nada melhor que a verdade para refrear a fúria ignorante do Marquês. Tenho certeza que se eu enviasse uma carta a Robert Stanford contando tudo exatamente como ocorrera, ele me compreenderia e jamais demitiria o senhor MacCallister.

— Espero que sim — anuiu. — Eu a levo de volta para casa. — Ele ofereceu.

— Posso voltar caminhando. — Afinal, havia apenas um cavalo.

— É longe, e a senhorita não está em condições de andar. — Garantiu. — Garanto-lhe que chegaremos mais rápido e o humor de seu tio não poderá ficar pior do que já está se dividirmos a mesma sela.

Ele tinha razão. Consenti em cavalgar com ele, afinal, não era justo que ele voltasse a pé depois de tudo que fizera por mim. Gregory montou no cavalo e me ajudou a subir. Senti sua mão quente segurar a minha de forma

firme. Foi inevitável que nossos olhares se esbarrassem, algo diferente aconteceu naquele momento, como o vento da tarde que soprou e balançou os cabelos de Gregory, atrapalhando-os e me fazendo encolher de frio.

Eu me sentei na frente dele, de lado por causa da saia do vestido ensopada. Fiquei dura como uma pedra, afinal, nunca um homem esteve tão próximo a mim e me fez ficar tão nervosa. Embora, o senhor MacCallister em nenhum momento tentasse qualquer intimidade ou encostar-se a meu corpo, eu permanecia tensa, temendo tocá-lo ou causar outro mal-estar desnecessário.

Seus fortes braços rodearam minha cintura, segurando as rédeas, enquanto o cavalo se movimentava. Não imaginava que o corpo de um homem podia ser tão quente a ponto de sentir seu calor, mesmo sem tocá-lo. A respiração dele estava sobre minha cabeça e eu me mantive ereta até chegar à frente da casa. Nunca o caminho foi tão longo e torturante, eu estava ansiosa para se afastar dele, sentia algo indecoroso com aquela aproximação. Uma estranha agitação que me acometia. Atribuí a toda a ansiedade para falar com meu tio e resolver o mal-entendido de uma vez.

John veio ao nosso encontro e me ajudou a descer. Sem olhar uma segunda vez para o senhor MacCallister, corri para dentro de casa, a fim de trocar de roupa e poder falar com meu tio.

— O Marquês o aguarda em seu escritório, senhor. — John o informou e eu ouvi.

Olhei para trás e vi o jovem empregado assentir, apreensivo. Ele entregou as rédeas de seu cavalo ao mordomo e olhou para mim. Engoli em seco, constrangida por sentir meu coração bater mais rápido e corri para dentro de casa. Minha dama de companhia, Senhora Stewart veio me ajudar a

trocar o vestido e arrumar o cabelo, de modo que ficasse mais apresentável diante de meu tio e do homem que salvara a minha vida.

Quando desci as escadas, eles estavam trancados no escritório. Bati à porta e aguardei que meu tio permitisse minha entrada. Encontrei o senhor MacCallister sentado à cadeira em frente à mesa e meu tio, que fumava seu charuto e sorria feliz, como se o mundo desabrochasse.

— Entre, minha querida... — Ele pediu com uma doçura na voz que me deixou atônita.

Fechei a porta e estranhei tais palavras tão carinhosas. Olhei para o senhor MacCallister que estava tenso, segurando os braços da cadeira a ponto da ponta dos dedos ficarem vermelhas. O Marquês levantou-se e foi para perto do móvel servindo-se de uma bebida. Thomas olhou por cima do ombro para o rapaz e trouxe o charuto, antes de voltar-se ele, segurando o copo com uísque nas mãos. Analisou toda a aparência do senhor MacCallister e então, finalmente, olhou para mim:

— Acredito que deve imaginar o motivo pelo qual exige sua presença. — Meu tio começou a conversa.

— Claro que sim. Pelo que o senhor viu há pouco perto do lago — Deduzi.

— Exatamente. Não posso deixar que essa situação fique impune.

— Eu entendo — comecei a falar — Entretanto, meu caro tio, a única coisa que o senhor MacCallister fez foi salvar minha vida, quando eu tentava colocar o fim em tudo — expliquei.

— Mas não foi isso que eu e alguns empregados vimos. — Ele me

cortou. — O que eu vi foram dois jovens seminus, abraçados na beira do lago, em um momento muito íntimo. O senhor MacCallister estava abaixado, beijando seus lábios...

Eu olhei para Gregory, aturdida. Eu havia perdido parte da história?

— Isso não aconteceu! — relutei.

— Claro que aconteceu! — Meu tio insistiu e olhou para o senhor MacCallister. — Conte a ela...

Gregory soltou o ar dos pulmões, um tanto impaciente:

— Quando cheguei à propriedade, o mordomo me disse que o Marquês não desejava receber ninguém. — Ele ficou de pé de forma imponente e enfrentou meu tio com o olhar. — Então, vi sua sobrinha sair correndo da casa de forma estranha. Embora não fosse problema meu, não podia deixar de preocupar-me com a senhorita Keller. Ela sempre foi tão delicada, parecia uma porcelana ou objeto de cristal e sempre tão discreta. Apenas algo muito grave a faria agir daquele modo intempestivo.

Gregory montou em seu cavalo e olhou para a colina onde a delicada figura desaparecia. Não havia nada além, apenas os campos. Olhou para a saída da propriedade e acabou por direcionar sua montaria para o mesmo lugar onde Alegria Keller se dirigia, quando na verdade, deveria ter ido embora...

Não demorou em avistá-la. Ela era um pequeno ponto branco nos campos de lavanda com suas folhas roxas já abertas. Ela caiu, segundos depois se ergueu e continuou a correr como se fosse perseguida por mil demônios. Entretanto, o que mais preocupou Greg foi vê-la seguir em

direção ao lago. Algo lhe dizia que ela faria uma besteira. Ele correu com seu cavalo o máximo que pôde para impedi-la. O que quer que tenha acontecido naquela casa a deixou fora de si.

Ele estava próximo, mas não o suficiente para impedi-la de entrar na água e se jogar. Aquele não era o ato de uma garota frívola que fora nadar no fim de tarde de outono na água gelada, mas de alguém desesperado em pôr fim à própria vida. Ela entrou na água e afundou, não aparecendo mais.

Gregory desceu de seu cavalo, arrancou o casaco, a camisa, foi tirando sua bota e mergulhou na água gelada. A água embora turva lhe dava certa visibilidade e ele demorou algum tempo para encontrá-la. O corpo da senhorita Keller estava convulsionando, enquanto afundava cada vez mais. Ela realmente estava se afogando. Greg subiu a superfície, tomou fôlego e mergulhou outra vez, nadando em direção ao corpo dela.

Conseguiu alcançá-la, mas já estava inerte. O que para ele parecia ter acontecido muito rápido foram minutos suficientes para que ela perdesse os sentidos. Segurando-a, ele a levou para a superfície e nadou com ela para a margem. Ele a segurou no colo e saiu, andando pela grama verde, até encontrar um lugar decente para colocá-la no chão.

Ela não respirava.

Sem pensar duas vezes, Gregory começou a lhe fazer massagens no peito, o pressionando repetidas vezes como aprendera quando trabalhava nas minas de carvão. Inúmeras ocasiões os mineiros sofriam graves acidentes, principalmente asfixia por causa do excesso de terra que os cercava e os desmoronamentos, por isso, aprendeu a arte dos primeiros socorros a fim de tentar ressuscitar alguém.

E a senhorita Keller precisava de ajuda. Mesmo sabendo que

poderia ferir todos os bons costumes, e pensando apenas que deveria salvá-la, ele se abaixou, apertou o rosto dela de modo que os lábios se abrissem e respirou por ela, dentro de sua boca. Ela não respondeu. Novamente, Gregory fez pressão sobre o peito da jovem e voltou a respirar em seus lábios, tampando seu nariz. Repetiu isso mais uma vez e, então, Alegra tossiu, cuspiendo toda a água que engolira durante o afogamento. Ela se sentou desesperada em busca de ar, e ele a segurou entre seus braços para ajudá-la...

— Foi isso que aconteceu. — Ele terminou de explicar, me deixando embasbacada com sua coragem em salvar minha vida, mesmo correndo riscos.

Fiquei ali, olhando para ele emocionada. Ninguém nunca fizera por mim algo tão bonito e sincero. Era a primeira vez na vida, que eu me sentia importante como ser humano depois da morte de meus pais.

— Não há outra solução. — Meu tio cortou meus pensamentos.

— Perdoe-me, meu tio, mas o senhor MacCallister agiu por sua consciência e devo-lhe dizer que merece um prêmio por sua atitude e não ser castigado! — Eu o defendi.

— A decisão está tomada. — Ele falou como se não me ouvisse. — Será necessário, o casamento!

— O quê? — Eu e Gregory falamos juntos.

— Sei que minha sobrinha não é muito bonita, e talvez seja um tanto insossa. — Meu tio me denegriu sem qualquer constrangimento. — Mas tem um dote generoso e uma fortuna boa que herdou de meu irmão e de

sua mãe. Acredito que nesse caso, os defeitos que ela possui podem ser sanados.

Gregory franziu o cenho tentando raciocinar.

— O senhor disse casamento? — O rapaz perguntou incrédulo.

— Sim. — O Marquês se ergueu em um gesto abrupto. — E se tentar ultrajar o nome de minha sobrinha dizendo que não se casará, terei de chamá-lo para um duelo! Afinal, o senhor a desonrou!

Meu tio andou pelo cômodo satisfeito com sua atuação e vi quando sorriu para si. Eu não conseguia falar nada, como sempre estava congelada diante de uma situação grave.

— Não estou lhe fazendo uma proposta, meu jovem, estou lhe avisando que assim será — voltou-se para nós. — Entretanto, tenho certeza que o maior beneficiado em tudo isso será o senhor, afinal, se tornará um homem rico!

— Não quero o dinheiro. — Gregory fez que não.

— Não fale bobagens! Todo homem gosta de dinheiro e se pode usufruir dele e ficar melhor de vida, por que não? Acaso conseguiria um casamento mais vantajoso?

— Eu trabalho, senhor — devolveu com orgulho.

— Sei disso e também sei que é um homem honrado. Não vai querer que Alegria fique desmoralizada quando todos souberem o que aconteceu na margem do lago — conjecturou, usando dos bons sentimentos do rapaz e sua consciência para persuadi-lo a se casar. — Os empregados

viram a situação, John estava comigo, tenho certeza que toda a criadagem não fala em outra coisa e isso logo chegará a Londres e Alegria estará desonrada para sempre.

Meu tio foi até a janela. Eu sabia o que ele estava fazendo: manipulando Gregory para tampar o buraco que Robert Stanford deixara. Sempre o achei inescrupuloso, mas agora, tinha certeza de seu débil caráter. Notei que ele me entregaria a qualquer um, desde que eu casasse e não fosse um peso para ele ou a vergonha.

Senti pelo senhor MacCallister e sentia vergonha de encará-lo. Mas o rapaz era esperto e não ousou se deixar dominar pelo meu tio e passou por mim, andando em direção ao marquês:

— Sejam sinceros — pediu com seriedade. — O senhor quer um marido para sua sobrinha para tampar o buraco que Stanford deixou. — Thomas o olhou de soslaio e Gregory prosseguiu: — Sabemos que não aconteceu nada demais na beira daquele lago, mas é a oportunidade perfeita que encontrou de tirá-la do seu caminho.

Eu queria que o chão se abrisse e me engolissem. Meu tio assentiu e riu:

— Vejo que é muito perspicaz, meu jovem — caminhou com as mãos atrás do corpo. — Alegria foi abandonada por Robert Stanford e depois tentei casá-la com meu filho horas depois, mas ele se recusou. Chegou a ofender a aparência da própria prima para justificar a falta de um interesse maior. Ele me disse que preferia a morte a se casar com uma jovem tão sem graça que nada tinha a oferecer a ele e não ser palavras de carinho e respeito — contou e parou diante do senhor MacCallister. — A escolha é sua. Ou se

casa com Alegria ou eu a trancarei em um convento para o resto de sua vida por tê-la desonrado. Ah, claro, se ela não se matar antes, como tentou há pouco.

Thomas riu e voltou para trás da mesa. Gregory respirou fundo se controlando. Eu o vi fechar os punhos, acredito que tinha vontade de bater em meu tio por fazer algo tão grave. Entretanto, o senhor MacCallister olhou para mim e veio em minha direção, notando meu constrangimento.

— Preciso de sua resposta, agora! — Thomas exigiu.

O senhor MacCallister ignorou meu tio. Com cuidado ele segurou minha mão, me tirando daquele torpor de humilhação e vergonha. Sua mão era quente e grande e cobriu a minha totalmente. Comecei a tremer e reprimi minha reação, queria fugir e desaparecer. Sentia que ele ia me acusar de alguma coisa como todos haviam feito até agora.

— O que a senhorita acha de tudo isso? — Ele quis saber.

Jamais alguém pediu a minha opinião para qualquer coisa. Levantei o olhar magoado e o encarei totalmente perplexa. A única coisa que eu podia dizer a ele diante de meu tio era:

— Não quero ser um peso para ninguém — murmurei. Qualquer outra coisa me comprometeria e me enviaria a um convento.

Se eu desejava me casar com o senhor MacCallister? Não. Entretanto, estar casada com um estranho de coração bom era melhor do que passar o resto de minha vida em um convento sob a tutela de um tio mercenário que poderia me casar com um velho decrépito apenas para tampar o rombo de Stanford e de meu primo.

O senhor MacCallister pareceu ler a aflição em meus olhos e

compreendeu minhas palavras. Ele aquiesceu:

— Eu me casarei com sua sobrinha. — Ele soltou minha mão e eu fiquei atônita com sua decisão.

— Bom rapaz. — Keller falou satisfeito. — Arrumarei tudo para que se casem o quanto antes.

Simples assim. O Marquês sentou-se e tragou seu charuto olhando para nós com imensa alegria.

— Bem-vindo à família! — falou com intenso sarcasmo.

Por que algo me dizia que havia mais por trás da intenção de meu tio em me salvar de um escândalo? Aquela felicidade não estava atrelada ao alvoroço que acarretaria o fim do noivado, ou o fato do senhor MacCallister ter salvado a minha vida e comprometido a minha honra. Contudo, eu tinha medo do que poderia haver por trás das intenções do Marquês e optei pela ignorância diante da suposta verdade.

3

Cara Anne,

Há tantas coisas que desejo lhe contar. Não sei por onde começo.

Talvez você já saiba que o senhor Robert Stanford desfez o noivado, abandonando-me. Ele se apaixonou por outra senhorita. No primeiro momento, me senti ofendida, traída e amargurada. Entretanto, compreendi que ele não poderia ficar comigo após encontrar o amor em outra pessoa. É deveras importante que duas pessoas que realmente se amam, fiquem unidas para sempre, não seria eu a ser empecilho para isso ou conviver com um homem que tivesse olhos para outra dama.

Meu tio não encarou a situação com bons olhos e tentou me casar diversas vezes no mesmo dia. Pasmem. Eu também estou chocada com tamanha falta de sensibilidade da parte dele, no entanto, sinto que há algo estranho em sua atitude. Em seguida, tentou me casar com meu primo Raphael que se recusou com veemência, por estar noivo de uma senhorita de Oxford, com quem pretende se casar, abrindo mão até mesmo de sua herança.

Compreendo a atitude de meu primo em declinar o acordo, já que também ama a outra mulher e devem ficar juntos. Contudo, as coisas não se deram nesta paz e tranquilidade com a qual lhe descrevo. Meu tio ofendeu-me profundamente, tanto quanto meu primo e tomada de um desespero sem igual tentei dar cabo a minha vida.

Deus há de me perdoar pela atitude tão impulsiva e por isso enviou

um anjo para me salvar, o senhor Gregory MacCallister, empregado do Duque de Montgomery. Em uma atitude insana, eu me joguei no lago mesmo não sabendo nadar, e o senhor MacCallister me salvou. Estando ele sem seus trajes apropriados e eu totalmente desalinhada nos braços dele, meu tio fez outro escândalo e nos acusou injustamente de imoralidade, nos obrigando a casar.

O que me intriga muito mais que um casamento com um estranho, é o fato de que meu tio tem uma necessidade ultrajante e desesperada de se livrar de mim e garanto-lhe que não é pelo bem da família, seu bom nome ou minha honra. Há algo maior. Vi o brilho perverso em seus olhos e temo que ele esteja agindo em benefício próprio, embora, aparentemente não exista nenhum.

Então, cara amiga, eu estou agora comprometida com o senhor MacCallister, um jovem cavalheiro de Shetwood. Um homem de origem irlandesa e sem qualquer sangue nobre. O que me assusta, afinal, não sei se meu tio permitiu tal união por pura frieza ao se ver livre de mim ou o medo do escândalo que acarretaria o fim de meu noivado com o senhor Stanford. Enfim, estou confusa, muito mais que assustada.

Não tenho medo de um casamento arranjado. Minha mãe casou-se com um Conde e ao tornar-se viúva, conheceu o amor nos braços de meu pai, portanto, sei que a vida tem percalços antes que encontremos nosso verdadeiro caminho.

O senhor MacCallister é um homem agradável aos olhos, bonito realmente. Mas não me desperta nada além de uma simples afeição e gratidão por ter preferido se casar comigo a permitir que eu voltasse ao convento, porque era esse o plano de meu tio: casar-me imediatamente ou me enclausurar em um convento até o fim de meus dias. Claro, que minha

herança deve ter ajudado o senhor MacCallister a aceitar o acordo, mas a forma como ele conduziu a situação, querendo saber minha opinião, surpreendeu-me. Serei desposada por um cavalheiro respeitoso e isso muito me agrada. Digo até muito mais honrado que muitos nobres que conheci.

Ainda não o conheço em nada. Mas me esforçarei para ser uma boa esposa, e fazer dele um homem feliz. A cerimônia logo acontecerá e ficaria muito alegre se estivesse aqui comigo neste momento solene e curioso de minha vida.

Sinto saudades.

Aguardo sua resposta.

Com amor,

Alegra Keller.

Terminei a carta e imediatamente pedi a John que enviasse um mensageiro a Londres para entregar a Anne e aguardasse resposta. Precisava muito de suas palavras gentis para superar esse momento de minha vida e sabia que ela diria as coisas certas para me acalantar.

Depois que o senhor MacCallister partiu, meu tio sorria tanto que fiquei com imenso medo do que havia por trás de suas intenções. Tentei não pensar nisso, mas toda vez a imagem de sua jovem esposa, Lady Clotilde Keller vinha a minha mente.

Quando cheguei a Dalton, há sete anos, ela era uma mulher jovem, amarga e triste, mas era atenciosa, mesmo que cobrasse um alto preço tanto de mim ou Raphael para demonstrar sua sutil afeição. Ela nunca foi uma mãe para mim, mas eu compreendia a natureza de seu carinho era de alguma forma parecida com a minha solidão. Ela era severa, mas me dizia para ser

uma boa dama e sempre ser submissa, que assim a vida seria mais fácil e eu passaria por ela praticamente invisível.

Quando fui para o convento, ela me escrevia todos os meses, sempre falando das regras sociais e a necessidade de obedecê-las, eu comecei a notar que ela tinha certa obsessão pelos bons costumes e seus rígidos princípios. Entretanto, estranhamente suas cartas pararam de chegar e senti saudades e escrevi incessantemente em busca de uma explicação para sua desistência em falar comigo. Então, Raphael me escreveu contando que sua mãe havia enlouquecido e houve a necessidade de sua internação em um sanatório.

Nunca mais a vi. Tentei visitá-la, mas meu tio me proibiu, disse que ela não me reconheceria e se o fizesse faria mal a ela. E a última coisa que eu desejava era causar-lhe mais danos, apesar de tudo. Quando retornei a Dalton, encontrei a casa na penumbra, meu tio vivia mais em Londres e, Raphael estava em Oxford. Acostumada à clausura, viver ali me deixava triste apenas pela ausência de minha tia ou a presença de meu tio.

Perguntei-me onde o senhor MacCallister iria querer viver depois do casamento. Com certeza, com o dinheiro que receberia de minha herança, e pelo modo como vi que ele desprezava meu tio, não ficaria em Dalton. Uma ansiedade me assolou sem saber ao certo qual seria meu futuro, a não ser o de uma esposa ligada a um homem por mero acaso.

Pensei na situação friamente e notei que tanto eu quanto o senhor MacCallister fomos pegos nas armadilhas do destino. Nenhum dos dois desejava aquele casamento, e minha atitude infantil e sua impetuosidade em me salvar, nos colocou naquela circunstância. Respirei fundo e olhei, através da janela do salão, o jardim bem cuidado, os empregados que transitavam de um lado para o outro em seus afazeres. Eu gostava da vida do campo, mas sentia falta da propriedade em Londres onde vivi parte da minha infância,

nunca me questioneei o que fora feito dela.

Afastando tais ansiedades que não resolveriam meus problemas, tirei outra folha de carta e voltei a escrever:

Caro primo Raphael,

É com imenso desprazer que lhe escrevo esta carta porque sei que está imensamente magoado comigo. Fiquei muito triste pela forma como deixou Dalton, as palavras terríveis que me disse e todo o mal-entendido que houve entre nós. Primeiro quero lhe pedir perdão, realmente a culpa de tudo foi minha. Entretanto, devo-lhe explicar os motivos que levaram seu pai a agir de modo tão insano, embora parte de tudo ainda seja um mistério para mim.

O senhor Stanford realmente desfez o noivado, e minha falta de maior interesse e até mesmo amor, me impediu de reagir ou lutar por esta união. Ele ama a outra e compreendi suas razões, mesmo ferida e me sentindo sozinha e desolada.

Ao saber da notícia, seu pai me culpou e disse que resolveria o assunto. Com a sua chegada, ele teve a ideia de nos casar para abafar o escândalo. Não tive tempo de convencê-lo do contrário e sabendo como ele é, você sabe que seria impossível fazê-lo. Eu o amo como a um irmão, Raphael, jamais pediria algo que não é de nosso interesse, e sabendo de seu noivado com Irene, eu não cometeria tamanha afronta.

Almejo que me perdoe, por minha trágica história ter impelido seu pai a invadir sua vida e torná-la um inferno.

Entretanto, tudo já foi resolvido e seu pai encontrou um novo marido para mim, o senhor Gregory MacCallister, o empregado dos Montgomery. A situação que isso se deu foi logo após sua partida, e prefiro um dia contar-

lhe tudo pessoalmente, pois acredito que após ler minha carta, compreenderá o engano. O objetivo de meu tio naquela fatídica tarde era me casar com alguém e ele conseguiu. Gostaria que você e Irene estivessem aqui para a cerimônia, que embora não tenha data, será em breve.

Nada sei sobre meu futuro, mas tenho certeza que meu maior desejo é que você faça parte dele.

Com muito amor e devoção,

Sua prima,

Alegra.

Fechei a carta e também foi enviada a Oxford, aguardando ansiosamente que ela chegasse ao endereço de Raphael e ele me perdoasse. Era muito importante para mim que ele o fizesse. Éramos como irmãos e eu o amava profundamente, não queria passar o resto de meus dias convivendo com sua mágoa e indiferença.

Ainda sentada em minha escrivaninha, sabendo que adorava escrever cartas e esse era meu principal passatempo. Decidi também escrever ao senhor MacCallister. Senti um gelo no estômago, no primeiro instante, entretanto, acreditei que seria de bom tom que eu o colocasse a par de minhas ideias, sem a intervenção de meu tio ou quem quer que fosse. A resposta dele me daria um vislumbre de parte de sua personalidade.

Caro senhor, MacCallister,

Espero não ser inconveniente ao lhe escrever. Desde que assumimos o compromisso para o casamento, não consigo pensar em outra coisa. Talvez, bobagens de uma jovem, mas diversas perguntas surgem em minha mente e estão me sufocando, por isso, tenho necessidade de externá-las ao

principal interessado, o senhor.

Estou tão assombrada quanto o senhor pela atitude de meu tio. Creio que não é apenas por ele ter nos vistos juntos na beira do lago, porém, há mais. Mas temo estar sendo indiscreta ao comentar isso, embora em seu olhar encontrasse o mesmo questionamento.

Gostaria de saber tantas coisas, embora não tenhamos intimidade para tanta conversa. Ficarei a margem de nosso compromisso como, por exemplo: onde o senhor deseja morar após nos casarmos? Meu pai possuía uma propriedade em Londres, não sei o que foi feito dela, mas se ainda fizer parte de meu espólio, gostaria muito de voltar a ela, se fosse possível, traz boas e deliciosas lembranças de minha infância, bem como me remete ao melhor momento de minha vida.

Não sou uma pessoa muito sociável, por isso, não se preocupe com visitas que exigem a etiqueta ou que eu queira participar da vida social em Londres. Prefiro dias calmos, tranquilos, e o senhor? Sei que a polida educação exige sempre que façamos visitas para não causar mal-estar aos conhecidos, mas a verdade é que não conheço ninguém. Desculpe-me por minha imprudência, mas sou tomada de uma ansiedade incomum.

Importar-se-ia de responder a estas humildes linhas? Assim saberei como prosseguir com o assunto de modo a não o ofender e também não ser intrusa em qualquer situação.

Atenciosamente,

Alegra Keller.

Li a carta mais de uma vez, antes de enfiá-la em um envelope e

enviar juntamente com a de meu primo. Não sabia para que endereço mandar, afinal, não fazia ideia de onde o senhor MacCallister residia, então enviei para o escritório dos Montgomery. Seria estranho, mas nesse momento, creio eu, todos estejam sabendo da reviravolta que minha vida tomou. Feliz pelas cartas que escrevi, peguei meu xale e fui fazer minha caminhada pelos campos de lavanda, estava perto do pôr do sol e era hora de encontrar com meus pais.

Minha querida Alegria,

Sua carta me deixou atônita e por que não dizer, chocada?

Seu tio ultrapassou todos os limites da decência e da descortesia! Como ele ousa casá-la com o primeiro que aparece, apenas para sanar um escândalo que não foi causado por você? Não tem do que se envergonhar, afinal, foi o senhor Stanford que lhe causou tamanho mal-estar ao abandoná-la as portas das bodas. E embora a notícia tenha chegado minutos antes de sua carta, eu já havia decidido visitá-la.

Estarei chegando nos próximos dias, mesmo sabendo que seu tio detesta visitas. Ou é isso ou a aguardo em minha casa. Entretanto, dadas as circunstâncias e a conhecendo bem, sei que quer ficar reclusa no interior a ter que enfrentar as fofoqueiras de plantão que a aguardam para a olharem com desdém em Hyde Park ou alguma casa de chá pelo Tamisa.

Como seu tio pode casá-la com um homem de classe inferior, sendo ele apenas um empregado que não tem nada a lhe oferecer, nem mesmo um bom nome?! Isso é ultrajante! Bons nomes não trazem a segurança que nós, senhoritas nobres necessitamos. Como pode aceitar isso, Alegria, sem reagir? Não digo pelo senhor Stanford, mas por esse tal de senhor MacCallister que está se aproveitando de sua fortuna para enriquecer. Isso sim é uma desonra, afinal, seus filhos não terão sangue nobre e sim de um reles plebeu! Inaceitável! Como poderá conviver com isso o resto de seus dias? Sinto que deva estar sofrendo muito e rezarei por sua alma para alegrá-la em um

momento em que a morte seria mais agradável.

Fique tranquila, tão logo esta carta chegue, eu estarei em minha carruagem em direção à sua casa, pronta para auxiliá-la e lhe estender a mão neste momento tão difícil de sua vida. Aguarde, estou chegando.

Com amor,

Anne.

Sorri sabendo que ela chegaria e ri de sua indignação por eu estar me casando com um homem que não era de minha classe social. Isso era tão impróprio, não o casamento, mas o pensamento de minha amiga. O senhor MacCallister havia salvado minha vida, e quando eu contasse a ela, compreenderia minha decisão. Ela compreenderia a conjuntura e perdoaria meu futuro marido por sua posição social.

Ele ainda não havia me respondido, bem como meu primo e isso me causava certa aflição, mas havia aprendido a controlar meus sentimentos enquanto estive no convento e passei os dias a escrever em meu diário e fazer minhas caminhadas diárias até que minhas pernas doessem e eu me esquecesse de minha agonia.

Contudo, o esquecimento apenas surgiu quando Anne chegou em uma tarde em que chuva fina caía sobre Dalton. A carruagem elegante parou e o valete desceu para abrir a porta e auxiliar a jovem dama a descer. Anne era deslumbrante com seu vestido verde da última moda e seu chapéu e sombrinha da mesma cor. Tão bonita que não havia quem não parasse para olhá-la, não era à toa que diziam que logo ela estaria casada com o Duque de Kent, mesmo que ela torcesse o nariz para isso.

Era claro que ela estava eufórica com a ideia. Minha amiga sempre sonhou com um casamento requintado e com um homem nobre e rico e havia

conseguido. Logo, ela seria duquesa. Há algumas semanas, nós falávamos sobre isso, que seríamos mais que irmãs, duas duquesas amigas e bem próximas. Agora eu seria apenas a senhora MacCallister.

— Alegria. — Ela estendeu os braços para mim e eu fui até ela.

— Como foi a viagem?

— Horrível! — Ela reclamou enquanto caminhavam para dentro da casa. — Pode imaginar como as estradas do interior ficam lamacentas com as chuvas de outono? Por duas vezes a carruagem atolou e os empregados tiveram que empurrá-la — revirou os olhos. — Foi enervante!

Entramos na suntuosa casa e enquanto eu levava minha amiga para a sala reservada, os empregados subiam com os baús de Anne para o quarto de hóspedes.

— Estou tão feliz que esteja aqui! — Eu disse enquanto nos aproximávamos da lareira e nos acomodamos confortavelmente. — É tão bom ter com quem conversar.

— Deveria voltar para Londres — indicou. — Mas não agora — fez que não. — Robert Stanford e Beatrice Turner se casam na próxima semana e é o assunto do momento. Um grande escândalo, na verdade. Então, você deve esperar para depois se apresentar a sociedade como a vítima de toda essa situação horrível!

Ela não tinha ideia de o quanto aquela informação me doeu. Embora soubesse que eles iam se casar, era óbvio que me sentia incomodada, afinal, fui abandonada. Forcei um sorriso e ela não notou meu desconforto e continuou a falar:

— E então, quando você chegar em Londres, eu a levarei em todos os bailes e saraus da temporada. Claro que vão ter necessidade de convidá-la para saberem qual é a sua situação e muitos pretendentes vão surgir e você não precisará se sacrificar.

— Agradeço sua gentileza, minha querida Anne, mas não será possível. Devo me casar nos próximos dias. — A fiz recordar.

— Tolice! — abanou a mão. — Nada que um pretendente mais digno não faça seu tio mudar de ideia. Pelo que entendi, ele apenas aceitou esse tal de Macklister...

— MacCallister — corrigi.

— Como queira — discorreu sem dar importância. — Ele apenas aceitou este homem porque tem medo que fique solteira para sempre! Já que dificilmente você encontrará partido mais rico e mais interessante que Stanford!

Ela estava exagerando, como sempre. E ela também não parava de falar. Tinha esse terrível costume, as freiras sempre a faziam ajoelhar no milho dizendo que Anne pecava através de sua língua. E embora ela fosse exagerada em suas palavras era uma boa pessoa. O fato de ter apenas eu como amiga, e ninguém mais, provavam que poucos conseguiam compreender essa excentricidade dela. As demais jovens se aproximavam apenas para estreitar laços com a filha de um importante Conde e não para compartilhar de sua terna amizade.

Descobri que a falta de autoestima dela e sua insegurança a faziam agir daquela forma e às vezes, desmerecer não apenas a mim, mas qualquer

outra pessoa, assim enaltecendo suas próprias qualidades para se sentir melhor e mais digna de estar viva. Decidi não discutir com ela sobre a atitude de meu tio. Deixaria que pensasse que o faria mudar de ideia.

— E quanto a você? Conte-me sobre Londres e seu Duque — pedi.

Ela sorriu como se o sol brilhasse para ela.

— Ele esteve em minha casa na semana passada — falou radiante.
— E conversava com meu pai e comigo na sala de música. Então, por um instante meu pai se ausentou para pegar um livro e mostrar ao Duque. Foi quando ele tocou minha mão em cima do encosto da cadeira. Foi como se o mundo parasse de girar, ficamos nos olhando e meu coração bateu depressa.

— E depois? — perguntei feliz por ela viver um momento tão sublime.

— Meu pai entrou e ele tirou a mão e voltou a ficar sério...

— Não compreendo. — Eu fiz que não. — Por que seu pai não pode saber que ele a corteja?

Ela estreitou o olhar com um sorriso maldoso.

— Por causa de Lady Phillipa Torrence.

— Quem é ela?

— A filha bastarda de um primo muito querido da rainha. — Ela sussurrou para que eu ouvisse. — A Rainha Vitória deseja o casamento dos dois, mas Spencer não a quer — chamou-o pelo nome de batismo me surpreendendo pela enorme intimidade. — Ele quer a mim.

— O desejo da rainha é algo sério, Anne. — Eu a precavi. — Acha mesmo que ele abrirá mão de agradar a rainha?

Ela estreitou o olhar, furiosa.

— Ele me ama, Alegria! — falou secamente. — Não posso fazer nada se ninguém a ama e, você não pode compreender meus motivos para aceitar tal situação até que ele convença a família que merece mais do que a sobrinha bastarda de um rei!

— Não quis ofendê-la, Anne. Desculpe-me por minha indiscrição.

Eu sabia que nossa amizade era unilateral. Anne não se comportava bem diante de palavras sinceras e ásperas. Além disso, minha opinião sobre o relacionamento dela e do Duque não influiria em nada sua decisão, por isso, era melhor me calar. Caso a amasse como dizia, ele realmente enfrentaria a rainha e toda a Câmara dos Comuns apenas para tê-la para si, ele fugiria com ela pelo mundo. Quem era eu para duvidar da força do amor?

— Tudo bem. — Ela voltou a sorrir. — Estou louca para colocarmos toda a conversa em dia.

Nesse momento, ouvimos batidas à porta e John entrou trazendo na bandeja prata um envelope. Meu coração bateu atropelado. Cartas sempre me deixavam ansiosa.

— Obrigada, John — agradei e ele se retirou.

Anne olhou para o envelope, curiosa:

— De quem é?

— Não sei, não há remetente.

— Que tipo de pessoa escreve uma carta sem colocar o remetente?

Estava endereçada a mim com uma caligrafia magnífica. Abri e tirei a carta, inquieta para descobrir seu teor.

Lady Keller,

Fiquei imensamente surpreso com sua carta. Não a esperava. E não se sinta indiscreta em escrever-me, terei imenso prazer em responder.

— É do senhor MacCallister — falei surpresa, levando a mão aos lábios e segurando o papel com firmeza. Para uma melhor leitura, levantei e fui para perto da janela, onde a luz era mais agradável.

— Leia em voz alta. — Anne pediu. — Quero saber o que esse homem sem educação está lhe dizendo.

Eu a olhei, constrangida. Como poderia ler para ela a carta de meu futuro marido? Parecia tão impróprio.

— Eu não sei se devo, Anne — falei.

— Como não? — Ela indignou-se. — Não somos amigas? Eu não lhe conto tudo? Não confia em mim?

Confiava, mas não me sentia à vontade para fazer aquilo. Entretanto, não queria me indispor com uma grande amiga em quem realmente podia confiar.

— Tudo bem... — concordei a contragosto.

Também tenho pensado bastante sobre nosso súbito compromisso. Determinados assuntos gostaria de tratar pessoalmente, acredito que não sou tão bom com palavras para externar certos pontos que muito me

intrigam, e em uma ocasião posterior, teremos tempo em discuti-lo. Também não sou um homem muito sociável e tenho certeza que não me encaixaria bem no círculo no qual está acostumada, sendo eu um simples empregado. Dificilmente me aceitariam, acreditando que me casei apenas por seu dinheiro.

Quanto à casa de seus pais, o advogado de seu tio entrou em contato comigo para averiguar nossa situação no futuro e ele me disse que a propriedade está na lista de sua herança, embora seu tio, o Marquês a tenha arrendado para outra família. Tomei a liberdade de pedir ao advogado que peça o imóvel de volta, já que é de seu desejo residir em tal propriedade tão logo tenhamos nos casado.

Para mim ainda há muito que resolver e pensar sobre toda essa situação. Estarei fora alguns dias há trabalho e assim que retornar, lhe farei uma visita. Sinto a necessidade de conhecê-la melhor, já que nosso futuro está traçado. Agradeço seu interesse em me conhecer e tenho certeza que podemos encontrar muitas coisas em comum para termos uma excelente convivência.

Com respeito.

G. MacCallister.

— Que absurdo! — Anne soltou revoltada andando pela sala. — Como ele pode falar em respeito quando se casa com você por dinheiro e sendo tão pobre?

Achei a carta tão docemente terna, que ignorei as palavras dela. O senhor MacCallister também desejava me conhecer melhor e viria me visitar quando retornasse de viagem. Meu coração se encheu de esperança por dias melhores. Olhei para a data em que ele havia me escrito e notei que era de

dez dias atrás. Isso significava que ele poderia chegar a qualquer momento e meu coração bateu depressa, apreensivo.

— Você tem que falar com seu tio, Alegria. — Anne exigiu. — Tem que convencê-lo a deixá-la ir comigo para Londres. Precisa urgentemente conhecer um homem que a despose mesmo tendo um escândalo como nódoa em sua honra.

Eu não ia falar com meu tio. Por que eu iria para Londres ver Robert Stanford feliz com Beatrice Turner e as pessoas rindo de mim pelas costas? Além disso, o senhor MacCallister estava prestes a me fazer uma visita e eu desejava falar com ele também.

— Meu tio não vai me ouvir, Anne — assegurei dobrando a carta com cuidado.

Anne a tomou de minha mão:

— Você deveria queimar esse lixo!

— Não faça isso! — tomei da mão dela rapidamente antes que jogasse na lareira. — Não é de bom tom desfazer de cartas e eu gosto de guardar todas — justifiquei.

— Mesmo as ridículas? — debochou.

— Todas! — assegurei com veemência.

Ela se surpreendeu e deu com os ombros. Eu me apressei em direção à porta e chamei por John. O mordomo apareceu prontamente.

— O mensageiro já se foi?

— Não, senhorita. Está fazendo uma refeição na cozinha.

— Diga-lhe para aguardar, enviarei uma resposta ao senhor MacCallister.

— Claro, senhorita. Com licença.

Alegre voltou-se para perto da escrivãzinha e sentou-se.

— E o que vai responder? — Anne quis saber ao se aproximar.

— Nada que fuja dos padrões — encolheu os ombros. — É uma questão de educação responder a carta. E devo dizer a ele que me avise quando vier me visitar, pois estou recebendo você e meu tio deverá estar em casa.

— Claro. — Anne forçou um sorriso e se afastou para o calor da lareira.

Satisfeita com seu momento de solidão, não pensando que a visita de Anne poderia me provocar tamanho e amargo desgosto por seus comentários inoportunos sobre o senhor MacCallister, que até agora tinha se mostrado um homem respeitável.

Então peguei minha pena e comecei a escrever:

Sr. MacCallister,

É com grande satisfação que recebi sua carta. E no fim, sou tomada de uma felicidade incomum por descobrir que poderemos morar na propriedade que pertenceu aos meus pais. A sua aceitação em relação ao meu pedido faz com que eu acredite que nossa união arranjada será sem dúvida um benefício para nós dois, não por me agradar, mas por compreender meu pedido. Seu ato é inestimável, jamais poderei lhe agradecer tamanho favor, prometo ser uma esposa fiel e amável. Encontrará

em mim uma companheira devota. Peço que me avise quando estiver com intenções de vir a Dalton para que eu prepare tudo para a sua chegada. Será um prazer recebê-lo, sabendo que temos muito que conversar.

Aguardarei notícias.

Lady Alegria Keller.

Mordi os lábios e sorri nervosa, antes de colocar uma vírgula após a palavra notícias e completar: *ansiosamente*.

Então, enviei a carta à Londres e respirei fundo, antes de voltar-me para Anne.

— Tem algum plano para mim neste lugar, Alegria? — A voz da moça soou pelo recinto.

— Pode acompanhar-me em minha caminhada ao pôr do sol — propus. — Ou descansar até o jantar.

— Talvez eu prefira descansar um pouco da viagem e me refazer...

Eu acreditava que logo após horas de descanso, Anne voltaria ao seu estado normal e estaria menos crítica e mais tranquila e respeitosa.

— Irei caminhar, e então nos falaremos ao jantar e faremos planos para seus dias aqui — assegurei.

Ela me deu o braço e a acompanhei até o pé da escada.

— Minha dama de companhia senhora Stewart a acompanhará no que necessitar — avisei.

— Não a levará para o seu passeio? — Anne estranhou.

— E por que eu faria isso? — devolvi com um sorriso. — Estou em casa e as vistas dos empregados, não há mais nada que possa me comprometer.

Então me virei e sorri. Não havia mais nada para me afetar do que na tarde em que o senhor Gregory MacCallister tocou meus lábios para me fazer respirar e salvar minha vida. Imagine o que Anne diria se soubesse.

Minha vida monótona e solitária tomou outra ordem e o dia passou a ser menos entediante. Embora não menos fácil. Pensei que com o passar dos dias Anne estaria mais acessível para conversas mais agradáveis como as que tínhamos no convento, entretanto, desde o seu retorno a Londres e a retomada de sua vida social, ela estava afetada pelas regras fúteis da sociedade e seus valores que galgavam muito mais as aparências e as posses do que o verdadeiro sentido de existir.

Ela não falava em outra coisa que não fosse seu caro Duque de Kent. Chegou até mesmo a receber uma carta dele enquanto estávamos passeando pelos jardins de Dalton e ficou eufórica. Entretanto, depois do recebimento desta carta, comecei a notar em Anne certo desvio de seu caráter: ela gostava de flertar abertamente, sem qualquer discrição. Com qualquer homem jovem e que considerasse bonito e atravessasse nosso caminho.

Foi assim com o senhor Wenteworth, nosso cavaleiro. De tal modo Anne colocou os olhos no rapaz jovem, robusto e muito atraente com seus cabelos ruivos e olhos azuis, ela lançou olhares demorados, sorrisos maliciosos e chegou a pedir que o rapaz a ajudasse a subir em sua montaria. Wenteworth esticou a mão para segurá-la pelo braço, mas ela pegou a mão dele e colocou em sua cintura:

— Aqui está melhor. — Sua voz soou melodiosa e ela sorriu.

O rapaz o fez rapidamente com o máximo de respeito, entretanto, ela

ainda deu mais uma olhada para ele antes de sairmos a cavalo pela propriedade. Depois, após o almoço recebemos a visita do senhor Rickman Winslet e seu filho Travis Winslet. Ela ria tanto e falava com tanta paixão que o constrangimento que me causou foi profundo. Eles queriam falar com meu tio e não ficaram mais que alguns minutos, mas foi suficiente para que Anne fizesse Travis prometer que a levaria por um passeio pelas propriedades. Ela tomara um súbito gosto pelo interior que eu desconhecia existir.

— Estamos combinados. — Ela insistiu antes da partida apressada deles.

Fiquei olhando-a um tanto chocada por sua atitude.

— Estas pessoas do interior são tão interessantes, Alegria, por que não dá um baile e convida a todos para que eu os conheça?

Eu não sabia se ria ou se me irritava diante de tamanho absurdo.

— Meu tio detesta bailes — salientei. — Ele jamais aprovaria um.

— Mas seria tão interessante, quando ele retornar, falarei com ele...

E se ela falasse com ela daquela forma vulgar como vinha agindo, tinha a sensação que ele acataria. Ela era bonita e os homens cediam facilmente a isso, unindo a necessidade dela de chamar a atenção o tempo todo.

Nos dias seguintes, recebemos a visita de Travis Winslet com frequência e Anne dava toda sua atenção a ele. Era notável que estavam interessados um no outro e fiquei surpresa por ela não mais tocar no nome do Duque. Simplesmente deixou de falar dele como se ele não existisse. Várias tardes, ela e o senhor Winslet saíam para conversar sozinhos, Anne sempre

dando um jeitinho de me deixar para trás, e comecei a perguntar que tipos de coisa faziam juntos para demorarem tanto a ponto do senhor Winslet não sair mais de Dalton. Era fato que o jovem estava completamente apaixonado por Anne e suas intenções de cortejá-la e se casarem era óbvio.

No fim de uma tarde, quando retornava de meu passeio vi a carruagem de meu tio parada à porta. Não havia sinal do senhor Winslet e estranhei. Pelo menos esperava que meu tio tivesse boas notícias e não fizesse uma cena na frente de Anne com seu mau humor. Entrei receosa, mas não deveria ter me surpreendido ao encontrá-lo na companhia de minha amiga. Entretanto, fiquei pasma quando o encontrei rindo. Há anos não ouvia o som de sua risada, na verdade, temo nunca a ter ouvido.

Minha amiga estava sentada na cadeira ao lado da poltrona que meu tio ocupava e eu senti uma intimidade estranha no ar. Era como se meu tio estivesse interessado na companhia da jovem e ela estivesse desfrutando das investidas, do olhar cobiçoso, do sorriso disfarçado. Fechei os olhos e desviei o olhar me negando a aceitar tamanho escândalo. Quando voltei a olhá-los, já estavam com sua postura discreta, distraídos com o fogo da lareira.

— Boa tarde! — Eu os cumprimentei. — Tio — fiz reverência.

— Alegria. — Ele me tratou com cordialidade.

E por que não trataria? Em poucos dias, eu deixaria de ser um peso para ele.

— Eu estava falando com seu tio, Alegria. — Anne se levantou e veio ao meu encontro. — Temos que fazer um baile para o seu casamento!

— Um baile? — perguntei perplexa.

— Sim. Amigos e vizinhos precisam conhecer o Senhor

MacCallister!

Ele não era mais o plebeu interesseiro? Eu me perguntei perplexa.

— Não acho necessário — respondi. — E não farei nada sem antes falar com o senhor MacCallister.

— Não pode fazer isso comigo! — Ela falou indignada, como se sua vida dependesse disso.

— Pensei que convenceria meu tio que este casamento era ruim para mim, afinal, o senhor MacCallister é um plebeu.

Ela hesitou. Acabou me arrastando para longe de meu tio e confessou:

— Talvez, eu tenha mudado meu pensamento.

— E por quê?

— O senhor Winslet, embora seja um dos homens mais ricos que conheci, também não tem origens aristocratas, sequer tem ideia do que é ser um nobre — falou depressa. — Mas ele é um cavalheiro, um homem bom e me provou que títulos não fazem diferença no caráter de um homem.

— Oh, sim. — Eu compreendi. — Você quer provar a todos que do mesmo modo que posso me casar com o senhor MacCallister, você poderia se casar com o senhor Winslet.

— Exatamente. — Ela admitiu com um sorriso sem graça.

Eu ri e balancei a cabeça em negativa.

— Mesmo assim eu não poderia assumir esse compromisso sem

falar antes com o senhor MacCallister — insisti.

— Faríamos em Westmont, na propriedade dos Winslet. — Ela insistiu.

— Anne...

— Depois que seu tio me contou que você tem que se casar com o senhor MacCallister por causa do que ele viu e não há solução para isso, acredito que posso ajudá-la a apresentá-lo aos homens mais notáveis e quem sabe torná-lo um de nós. — Ela explicou em sua imaturidade.

— Não farei nada para desagradá-lo ou constrangê-lo — afirmei.

— Está sendo muito condescendente com um homem que abusou de sua ingenuidade — falou nervosa por eu não ceder as suas vontades.

— Ele não fez isso — assegurei ficando séria. — Faz parecer que não sou uma jovem digna de ser cortejada e, tola e frívola o suficiente para me esgueirar com um libertino.

Anne ficou vermelha de repente e vi seus olhos brilharem de raiva.

— Não são todas as moças que se perdem nos lençóis de cavalheiros por serem fúteis. — Ela defendeu. — Às vezes, o fazem por amor!

— E pode o amor ofender a honra de uma mulher? — devolvi.

Ela abriu a boca para falar, mas a voz não saiu. Ela não respondeu, virou-se como se eu a houvesse ofendido e desapareceu, não descendo sequer para o jantar. Bati na porta de seu quarto e ela se recusou a me atender.

Respirei fundo, no dia seguinte, conversaríamos.

O senhor MacCallister chegou a Dalton no dia seguinte. Eu estava tão ansiosa que mudei de vestido várias vezes, chegando a ficar cansada e deixar minha dama de companhia exausta. Por fim, pensei que nada do que eu vestisse poderia melhorar minha aparência aos olhos de meu futuro marido, afinal, aquele era um casamento arranjado e ele estava sendo obrigado a se unir a mim em circunstâncias nada agradáveis.

— Ele chegou. — A senhora Stewart informou ao fechar a cortina. E sorriu para mim, ansiosa.

Forcei um sorriso, escondendo minhas angústias. Lá embaixo estava o homem com quem eu ia passar o resto dos meus dias, a quem eu seria fiel e compartilharia de ruins e bons momentos, ao lado de quem eu gozaria saúde, e de quem cuidaria na doença. Estaria ao lado dele com minha herança ou sem ela, caso o dinheiro deixasse de existir. Será que o senhor MacCallister tinha essa consciência, que mesmo que todo o dinheiro acabasse, ainda sim ficaríamos casados?

Alisei meu vestido amarelo. A senhora Stewart fez de tudo para melhorar minha aparência, trançando meus cabelos, ao invés de coque austero de sempre. Há muito eu não utilizava um dos vestidos que herdara de minha mãe, mas eles me caíam perfeitamente, embora eu imaginasse que para ela deveriam ficar divinos.

Desci as escadas e encontrei o senhor MacCallister ao lado de meu tio no salão principal. Anne estava sentada em uma das cadeiras e olhava para

os dois homens com interesse, enquanto parecia experimentar do chá. Com a minha chegada, os olhares se voltaram para mim, mas minha atenção esteve presa ao meu noivo, se é que eu poderia chamá-lo por esse título diante da pressa de nosso casamento.

Meu coração deu um salto quando vi a figura imponente do senhor MacCallister. Anne ria para ele como uma tola jovem coquete. Isso causou em mim uma ira inexplicável, uma raiva insana que tive que controlar para não bancar a tola. Respirei fundo e irrompi ao recinto. O senhor MacCallister foi o primeiro a me notar e seus olhos sorriram para mim, fazendo meu coração derreter.

— Lady Keller. — O senhor MacCallister fez reverência e correspon-di.

— Senhor MacCallister. — Eu me aproximei. — O senhor fez boa viagem?

— Sim, claro. — Ele deu um sorriso.

Meu coração se encheu de alegria por ele estar ali. Era um sinal de que também não me abandonaria e nenhuma outra mulher havia arrebatado seu coração depois que ele me aceitara como sua futura esposa. Em minha frágil insegurança, notei que ficaria nervosa até que o casamento estivesse selado. Que Deus me perdoasse por meu egoísmo, eu não desejava que o senhor MacCallister tivesse a oportunidade de encontrar o amor. Não suportaria ser abandonada outra vez.

— Estávamos falando sobre a festa de casamento. — Anne se antecipou se colocando de pé entre mim e o senhor MacCallister.

Por que eu sentia uma pontada de ironia em sua voz? Era impressão

minha ou de repente, nossa amizade havia se tornado uma guerra?

— Oh, sim, claro — compreendi.

— Expliquei ao senhor MacCallister a importância de que interaja com seus amigos e os conheça de forma mais íntima. — Ela explicou e olhou para o cavalheiro com um largo sorriso.

— Desde que a senhorita Keller esteja de acordo. — Gregory falou com as mãos para trás do corpo, postura elegante, que o deixava ainda mais alto do que já era.

— Para mim não há grande necessidade, afinal, não moraremos em Dalton — argumentei.

— Não? — Anne olhou para o meu tio de forma interrogativa.

— Minha sobrinha deseja voltar para a casa dos pais em Londres — explicou.

Anne olhou para mim e forçou um o sorriso:

— Veja o lado bom, ficaremos mais perto uma da outra.

E havia lado ruim? Eu me perguntei curiosa, imaginando que Anne deveria acreditar que viver em Dalton era simplesmente magnífico. E poderia ser, se meu tio não tornasse tudo tão insuportável.

— Eu não esperava vê-lo hoje. — Eu a ignorei, dando atenção ao senhor MacCallister.

— Adiantei meu retorno — informou. — Espero que não se importe.

— De forma alguma — assegurei. — Estava ansiosa por sua chegada.

Não deveria ter dito aquilo e corei no mesmo instante. Ele sorriu satisfeito e eu desesperada para que o chão se abrisse. Anne se colocou entre nós e sorriu.

— Eu estava dizendo ao senhor MacCallister o quanto estou feliz com o casamento de vocês!

Falsa e dissimulada. Sorri para ela. Por sorte, o senhor Winslet e seu filho vieram jantar com meu tio e vi a atenção de Anne totalmente voltada para Travis. Pude então usufruir da companhia do senhor MacCallister em paz, sem os comentários grosseiros de Anne e sua necessidade em busca de um flerte.

— Espero que não tenha se ofendido com Anne — comentei com ele enquanto andávamos pelo corredor em direção ao salão de música. — Ela tem se mostrado muito estranha nos últimos dias, sinto muito.

— Não há porque se desculpar, senhorita. — Ele assegurou. — Já me acostumei ao fato de ser um simples operário no meio dos nobres arrogantes.

— Sinto que tenha que suportar tal lamúria.

— Se desejo conquistar algo, não posso me ater esse tipo de detalhes — assegurou.

— E o que o senhor deseja conquistar?

— Uma vida melhor para mim e minha família — respondeu.

— Sua família é de Shetwood? — perguntei enquanto nos acomodávamos no sofá e John entrava para servir bebida a todos.

Meu tio e o senhor Winslet foram para perto da lareira. Anne sentou-se ao piano e Travis ficou ao seu lado, encantado com o dom dela com a música.

— Sim. Na verdade, meus pais e irmãos moram lá, são funcionários da mina. Mas minha família é da Irlanda.

— O senhor já esteve na Irlanda?

— Não. — Ele fez que não.

— Eu gostaria de conhecer a Irlanda — comentei.

— Mesmo?

— Sim. A família de minha mãe possuía uma propriedade no Condado de Cork, perto de Munster — contei.

— Interessante. — Ele afirmou. — Poderíamos, quem sabe, em um futuro próximo fazer uma viagem.

— Sim — sorri entusiasmada. — Há muitos lugares que desejo conhecer.

Ele me fitou por um instante, como se quisesse dizer algo.

— O que foi? — notei.

Gregory hesitou como se não quisesse ser ouvido por mais ninguém além de mim.

— Sei que nenhum de nós desejou este matrimônio. Mas podemos

nos beneficiar muito desta união... — Ele falou com coragem.

Meu coração se encheu de esperança.

— Acredita nisso?

— Sim. Sei que financeiramente serei o mais favorecido — comentou sincero, os olhos pequenos brilhando. — Mas quero que saiba que não pretendo que nossa vida seja algo miserável.

Senti uma vontade estúpida de chorar.

— Estou muito feliz, senhor MacCallister. Sua intenção é muito honrada.

— Sinto grande satisfação em poder lhe causar tamanha alegria. — Ele assegurou.

— MacCallister. — Meu tio o chamou.

— Com licença. — Ele se levantou e foi se unir aos homens que falavam sobre negócios.

Anne deixou o piano de lado e se uniu a mim.

— Vejo que você e o senhor MacCallister tem grande amizade — falou com malícia.

— Não somos amigos. — Eu franzi o cenho. — Vamos nos casar e estávamos conversando, qual o problema nisso?

Ela se aproximou de mim e sussurrou:

— Um homem que toca o corpo nu de uma mulher não é apenas um

amigo!

— Ele não...

— Seu tio me disse. — Ela me cortou.

Fiquei imaginando que outro tipo de confidências eles teriam trocado.

— Meu tio compreendeu tudo errado — insisti.

— É óbvio que ele a deseja!

— Anne. — Eu a reprovei.

— Os olhos dele sempre estão em cima de você! — Ela sussurrou e eu me levantei ofendida.

Senti um calor súbito tomar conta do meu rosto e sabia que deveria estar vermelha. Abri meu leque e comecei a abanar, me aproximando da janela. Anne veio ao meu encalço.

— Tenho certeza que terão uma excelente noite de núpcias.

Eu fechei o leque com violência e a olhei, indignada:

— Eu me recuso a discutir este tipo de assunto com você ou quem quer que seja!

E irritada, pedi licença para me retirar e fui para o meu quarto.

— O que houve? — A senhorita Stewart perguntou quando me viu entrar e bater à porta.

— Anne! — falei brava andando de um lado para o outro.

— O que a *senhorita inconveniente* fez agora?

Eu olhei para a senhora Stewart e soltei um longo suspiro.

— Quando estávamos no convento, eu pensei que fôssemos amigas, mas agora... — fiz que não. — Ela é tão desagradável. Falou coisas para mim que eu não poderia repetir em voz alta.

A senhora Stewart assentiu compreensiva.

— Tome cuidado, senhorita. Lady Bouth não é uma pessoa confiável e acredito que seria mais vantajoso se não a tivesse por perto.

Mordi os lábios.

— Não posso mandá-la embora, senhora Stewart. E tenho certeza que ela ficará até pelo menos o meu casamento.

— Então não a deixe tomar conta do que é seu — aconselhou.

Compreendi o que ela queria dizer. Anne era inconsequente e não mediria esforços para me ver desgraçada.

O tempo parecia não passar, e eu não suportava mais ver Anne cheia de sorrisos e flertes com o senhor MacCallister, olhando-o de forma frívola, por trás de seus longos cílios irritantes, fazendo caras e bocas de quem está interessada em sua atenção. E muito embora ele tenha se comportado da melhor maneira, com exímia educação, irritou-me e meu mundo ficou tenebroso e obscuro.

Depois do almoço, subi para colocar a roupa da cavalgada, odiando Anne por ela ter a chance de despertar no senhor MacCallister qualquer apreço e também arrebatá-lo seu coração. A simples ideia de ser abandonada mais uma vez, efervesceu em minha alma uma rebeldia, uma necessidade de lutar pelo que era meu, que eu desconhecia.

Não poderia admitir ser abandonada mais uma vez, sabendo que Anne apenas tentaria chamar a atenção de Gregory, apenas por puro capricho e vaidade, para me irritar. Eu precisava salvar meu casamento, bem como minha honra e o senhor MacCallister das investidas ardis de Anne. Quando desci fui informada por minha dama de companhia que eles já tinham saído para cavalgar sem mim.

— Acabei de ver pela janela, Lady Bouth saiu a frente, rindo!

Nunca pensei que poderia ser tomada de tamanha ira. Sorri para ela como quem acaba de ouvir uma linda composição de Bach e saí pela porta dos fundos, caminhando apressadamente, sem cumprimentar os empregados

que ali circulavam até chegar ao estábulo vazio e me enfiar dentro de uma baia e fechar a porta.

— Aquela... — Eu falei em voz alta para desabafar.

Não conseguia nominar Anne e encontrar a palavra certa que evocasse a metáfora de toda a carga emocional que as atitudes dela causavam em mim. A verdade era que eu não conhecia muitas palavras de baixo jargão.

— Mentecapta! — falei alterada.

Senti um alívio imenso e suspirei, até recostei a testa na parede me sentindo reconfortada.

— Senhorita Keller?

Fiquei tensa e arregalei os olhos, pensei que estivesse sozinha. Senti o calor subir do meu peito para o pescoço e o rosto. Não havia para onde fugir. No convento havia passagens secretas e costumávamos fugir da madre superiora quando ela queria nos castigar. Infelizmente, naquele instante, havia apenas a parede a minha frente e atrás a porta. Respirei fundo antes de tomar coragem e dizer:

— Senhor MacCallister? — Minha voz quase não saiu.

— A senhorita está bem? — Ele devolveu.

E o que eu deveria dizer? Que havia perdido a compostura em uma atitude novamente impulsiva? Derrotada por minha imprudência, abri a porta tentando transparecer uma tranquilidade invejável.

— Senhor MacCallister. — Eu saí e fiz reverência.

— A senhorita está bem? — Ele insistiu em saber. — Eu a vi

passar, mas creio que a senhorita não me viu, dado que estava falando sozinha e de forma muito determinada.

— Eu? — perguntei e fiquei envergonhada. Ele deveria estar pensando que realmente eu era uma louca.

— Eu a aguardava para a conversa que prometi que teríamos. — Ele me absteve de explicar minha atitude. Um honrado cavalheiro. Eu poderia cantar se ele quisesse tamanho meu alívio por ele não ter ido cavalgar com Anne.

— Não foi cavalgar?

— Não. Acredito que a lady Bouth e o senhor Winslet gostariam de certa privacidade. Como nós, agora.

Fiquei espantada com a sensibilidade dele, poucos homens eram dotados de uma singularidade que me fazia perder a voz. Ele queria ficar a sós comigo.

— Agradeço sua gentileza — foi tudo o que consegui dizer, já que minha boca havia secado e as palavras haviam desaparecido da minha memória. Não saberia formar uma frase completa naquele momento sem parecer uma criança gaga.

— Gostaria de passear pelo jardim? — Ele me convidou.

— Sim — fiz que sim.

Ele fez sinal para que eu fosse a frente. Como um fantasma, a senhora Stewart surgiu e nos acompanhou com certa distância, entretida com seu livro.

— Meu tio já lhe disse quando será nosso casamento? — perguntei e olhei para ele.

O senhor MacCallister caminhava altivo, as mãos para trás do corpo, a luz fraca do sol de outono batendo contra os seus cabelos. Ele era bonito e havia algo nele que me fazia achá-lo mais que interessante.

— Talvez no próximo fim de semana — respondeu. — Ele vai buscar o reverendo para realizar a cerimônia.

Demoraria tanto até chegar o fim de semana. Segurei minhas saias com força para não me exaltar.

— Claro — concordei.

— O advogado de sua família requisitou uma visita e me fez ter acesso ao conteúdo de seu espólio. — Ele me comunicou.

— E?

Paramos de caminhar e nos encaramos:

— Senhorita Keller, em seu testamento seu pai exigiu que o Marquês fosse seu tutor até completar dezoito anos, quando obrigatoriamente deveria se casar — começou a relatar.

— Então meu tio saiu sem qualquer benefício — deduzi.

Gregory olhou para a senhora Stewart se certificando que ela estava longe o suficiente para não nos ouvir.

— Seu tio será beneficiado com uma soma de dez mil libras, caso a senhorita se case — explicou.

Levei a mão à boca. Era muito dinheiro e eu precisei me sentar.

— Agora entendo porque ele tentou me casar com tanta insistência — ironizei.

O senhor MacCallister ficou diante de mim.

— Há um frágil detalhe. — Ele observou.

— Pode ser pior?

— Não para a senhorita. Mas explica-se tamanha insistência para o seu casamento, porque seu tio acumula dívidas que levam Dalton à venda.

Não podia acreditar em tal informação.

— Mas e os negócios?

— Há muito o Duque de Montgomery tem prezado pela amizade e mantido alguns negócios de pé. Mas com o rompimento do noivado, esses laços foram quebrados.

Eu não sabia se o meu constrangimento era pela ruína financeira de meu tio ou por eu ter me tornado um objeto de barganha em suas mãos.

— Como ele perdeu tudo? Maus negócios?

Gregory fez que não.

— Não se sinta constrangido, senhor MacCallister — pedi. — Não gostaria que houvesse segredo entre nós.

Ele se viu sem qualquer alternativa.

— Além de esbanjar, tanto o marquês, quanto seu filho, Lorde

Raphael Keller, os dois tem uma predileção pelas mesas de jogos.

— Que horror!

— Então, deduzo que ele a teria casado com qualquer um, tomado pelo desespero.

Senti um calafrio pelo corpo ao pensar nos pretendentes que fariam parte desta lista. Olhei para o senhor MacCallister e fiquei satisfeita com a escolha que meu tio fizera em seu desespero. Eu não aceitaria nenhum outro depois dele. Tinha certeza.

— Não que estas informações me confortem, mas explicam muita coisa.

— Não deve se apegar ao lado ruim da história. — Ele aconselhou.

— E qual é o lado bom? — Eu me levantei e voltamos a caminhar.

— Não vai se casar com um homem abominável, pelo menos. — Ele deu um amplo sorriso.

Não contive o sorriso ao ouvir tais palavras.

— Realmente não vou.

Seu olhar demorou um pouco mais sobre o meu e senti palpitações e desviei para a paisagem do jardim.

— A senhorita gosta de ler? — Ele perguntou mudando completamente de assunto.

— Sim, mas prefiro escrever cartas.

— Tomei gosto pela leitura há pouco tempo. Aprendi a ler e a

escrever depois de adulto há pouco menos de um ano.

— Então acredito que sua tutora tenha sido excelente. A quem devo agradecer tamanho trabalho em ensiná-lo?

Ele me fitou com seriedade.

— A senhora Stanford. — Ele respondeu.

Parei de andar outra vez.

— A senhora Robert Stanford? — Eu precisava perguntar e ele confirmou.

Como um fantasma preso no limbo, notei que esta mulher era a casca na minha ferida. Ela surgia em minha vida novamente como um tormento. Ele notou meu descontentamento.

— Acredito que devo lhe dizer que eu e a senhora Stanford nascemos em Shetwood e trabalhamos nas minas desde crianças.

Embora não fosse nada demais, apenas uma história comum da vida de alguém, nós estávamos falando da mulher especial que usurpou o coração de Robert Stanford. Entretanto, saber que o senhor MacCallister tinha por ela verdadeiro apreço fazia o meu orgulho mergulhar em um frasco de cólera.

— E deduzo que o senhor tem grande carinho por ela — murmurei com amargura evidente.

— Sim. — Ele confessou. — Meu sentimento por ela é intensamente fraterno, como a minha amizade se estende ao senhor Stanford.

— Claro — falei de forma automática.

— Espero não a ofender com isso.

— Não ofende — menti.

Causou-me uma ira tão grande que eu queria voltar àquela baia e dizer uma palavra horrenda para me aliviar.

— Entretanto, não pense que esta amizade poderia ser mais importante que nossa união. — Ele afirmou.

Arregalei os olhos.

— Mas... O senhor mal me conhece! É normal que seu carinho seja maior por eles do que por mim.

Para minha surpresa, se é que eu poderia ficar mais espantada com as atitudes polidas daquele homem, o senhor MacCallister parou de andar e segurou minha mão. A sensação era mais do que agradável, era sublime. Bem como fora no escritório de meu tio quando ele me perguntou se eu desejava me casar.

Entretanto, agora, eu estava mais nervosa e havia uma necessidade de enlaçar seu toque quente com as palavras que vinham a seguir. Seus olhos se prenderam aos meus.

— Pouco me conhece, senhorita Keller, mas asseguro que a partir do instante em que aceitei ser seu marido, a tomei para mim como a pessoa mais importante em minha vida, com a qual devo me preocupar, zelando por seus interesses e felicidade.

Lágrimas queimaram em meus olhos e perdi a voz. Eu jamais ouvira algo tão profundo e verdadeiro em toda minha vida. Um silêncio caiu sobre nós como se ele esperasse qualquer reação minha. Uma palavra bastava, mas

eu jamais sentira esse frio na barriga, o embrulho no estômago, as mãos suando, por isso, não sabia o que dizer.

— Ah, vocês tão aí! — A voz de Anne soou estragando o momento.

Outra vez, eu queria entrar na baia e dizer meia dúzia de xingamentos para ver se ela desaparecia. Gregory soltou minhas mãos e senti falta de seu calor. Anne e o senhor Winslet estavam em suas montarias e minha amiga estava radiante.

— O senhor Winslet nos convidou para um passeio em sua propriedade. — Ela contou entusiasmada. — Quem sabe um piquenique.

— Será um prazer recebê-los em Westmont. — Ele falou com seu sotaque forte que o fazia parecer que cantava as palavras.

Eu e Gregory nos entreolhamos. Não queríamos ir a Westmont, mas dadas às circunstâncias, teríamos mais privacidade para nossas conversas lá, do que em Dalton.

— Será um prazer. — Gregory aceitou.

— Perfeito. — O senhor Winslet disse, satisfeito.

Westmont era uma propriedade ostensiva com seu jardim que circundava o grande lago e tinha como fundo a mansão de mais de cem cômodos. Os Winslet não eram nobres, mas eram ricos. Haviam ascendido com a revolução industrial no ramo têxtil e ganharam em uma década o que muitos nobres levavam gerações para lucrar. As paredes de Westmont brilhavam com suas peças de arte e castiçais de ouro. As janelas pareciam resplandecer a luz do sol como se fossem molduras de um quadro. O quintal da propriedade possuía um vasto campo verde que se perdia de vista. Tudo isso um dia pertencera ao Duque de Standall, mas ele a vendeu depois do falecimento de sua esposa, a quem amava muito.

Anne estava fascinada com tanta riqueza e a vi esquecer de seu compromisso com o Duque por completo, bem como se esqueceu de nossa amizade. Ela estava irritada comigo e sempre que eu dizia alguma coisa a via resmungar.

E Winslet apreciava tanto a companhia de Anne que eu sentia que a qualquer momento ele tiraria um anel do bolso, se ajoelharia e a pediria em casamento. Ficou óbvio que para um homem sem origens, apegado à aparência, afetado pela necessidade de ser aceito, unir-se a filha de um conde era tudo que ele precisava para curar seu ego e as portas dos nobres salões de Londres se abrirem para ele.

O senhor Winslet nos levou ao lago. Eu e o senhor MacCallister

preferimos caminhar ao longo da margem e conhecer os jardins, enquanto Anne e Travis passeavam de barco. Ouvíamos os gritos dela de entusiasmo e sua risada exagerada, tão constrangedor e desnecessário que não contivemos a risada.

— Sinto muito por Anne. — Eu me desculpei controlando meu riso.
— A maioria das vezes ela não é assim. Desde que chegou a Dalton vem agindo de forma estranha. Temo nunca a ter conhecido.

— As pessoas podem nos surpreender e muito. — Ele limitou-se a comentar.

Eu prossegui com meu discurso cheio de mágoa:

— Ela parecia tão apaixonada pelo Duque de Kent e, então, a paixão parece ter se esvaído e ela mostra interesse pelo senhor Winslet.

— Duque de Kent? — Ele franziu o cenho.

— Sim, exatamente. — Eu o fitei, curiosa. — Por favor, senhor MacCallister, se sabe de algo, conte-me! Talvez suas palavras me façam compreender o que aflige Anne e a torna tão indiscreta.

— Percebo que minha sensatez se desfaz diante de um pedido seu.
— Ele confessou e sorriu.

Meu coração saltou no peito ao saber que eu tinha esse poder sobre ele. E sorri feliz.

— O Duque de Kent se casou com Lady Phillipa há algumas semanas — contou.

Eu o olhei, chocada.

— Mas ela recebeu uma carta dele assim que chegou.

— Não posso omitir qualquer opinião sobre o fato. — Ele falou sério.

— Pobre Anne. Ela me disse que eles se amavam em segredo e iam se casar assim que ele convencesse a família... — parei de falar.

— Talvez ela tenha ficado envergonhada — supôs.

— Vergonha por ter sido abandonada? — perguntou solidária com a amiga.

— Vergonha por ter sido enganada por um homem com fama de libertino. — Ele corrigiu.

Eu era a pior amiga que alguém poderia ter. Presa em Dalton e longe das fofocas de Londres, eu não poderia imaginar que toda aquela descompensação de minha amiga talvez fosse por puro desespero diante de uma desilusão. E eu a chamei de mentecapta!

— Obrigada por me contar, senhor MacCallister. Acredito que agora posso ajudá-la mais do que julgá-la.

Ele ficou satisfeito.

— Tenho certeza que a senhorita fará isso da melhor maneira.

— Pelo que vejo o senhor não a julga — observei.

— E por que eu faria isso? — Ele devolveu.

Encolhi os ombros.

— É o que todos fazem, não é?

— Senhorita Keller, de onde eu vim, não há tempo para julgamentos. Estamos preocupados em sobreviver e acordar na manhã seguinte e sobreviver outra vez e não deixar os nossos desamparados.

Ele não falou com pesar, era apenas uma constatação.

— Sou o filho mais velho de quatorze irmãos. — Ele começou a falar. — E não me surpreenderia se o décimo quinto estivesse a caminho. Meu pai trabalha dia e noite nas minas para colocar comida em casa. Meu avô era mineiro, meu pai é, eu era e meus irmãos serão. Precisamos trabalhar e muito, não podemos nos dar ao luxo de nos preocupar com a vida de quem quer que seja.

Eu o fitei com ternura.

— Gostaria muito de conhecer sua família.

— Mesmo?

— Sim. Sempre me senti sozinha por ser filha única — falei com uma naturalidade incrível. — Sinto inveja do senhor por ter irmãos e seus pais e falar deles com tanto carinho.

Ele se mostrou surpreso.

— Inveja? A senhorita tem tudo que alguém pode desejar.

— Mas não tenho com quem compartilhar tudo isso.

— Agora tem e terei grande prazer em levá-la para conhecer minha família, em Shetwood. Talvez possamos passar o natal com eles. Tenho certeza que minha mãe adoraria ensiná-la alguns pratos que eu gosto —

sorriu charmoso.

— Adoraria aprender — garanti.

Havia certa cumplicidade entre nós. Era como se eu e o senhor MacCallister nos conhecêssemos há muito tempo e tivéssemos uma amizade profunda. Era estranho, mas tal confiança estava ali, em nosso olhar, em nossas palavras sinceras e nunca ditas antes a ninguém. Era nossa primeira vez para tanta coisa.

E eu o achava um homem admirável. Talvez fosse o seu porte elegante de cavalheiro. Jamais diria que ele fora um mineiro. Não que isso importasse, mas sua postura distinta e segura, era de um homem honrado que sabia seu lugar no mundo e não tinha medo de nada.

Ele ergueu a mão para tocar meu rosto, mas escutamos um grito. Não um grito para chamar atenção, era um som horrível e voltamos correndo em direção ao lago. O barco havia virado e vimos Anne afundar. O que aconteceu em seguida, foi muito rápido. Gregory tirou o casaco, a camisa e mergulhou na água fria. Fiquei do lado de fora angustiada, até que ele voltou à tona com Anne nos braços.

— Pressione o peito dela e respire em sua boca. — Ele fez uma vez.
— Consegue fazer isso?

— Sim — respondi nervosa.

Ele voltou para dentro do lago, em busca do senhor Winslet. Pressionei o peito de Anne e imitei o senhor MacCallister em tudo. Tive que repetir o procedimento e implorei chorosa que Anne não me abandonasse. Então ela tossiu e cuspiu água. Olhou para mim confusa:

— O senhor MacCallister salvou sua vida — expliquei.

— E Travis? — perguntou desesperada.

— Eu não sei.

Olhamos para o lago e vi Gregory surgir e mergulhar novamente. Os segundos pareceram horas terríveis até ele submergir trazendo o senhor Winslet nos braços. Os empregados começaram a chegar e ficaram em volta de nós enquanto o senhor MacCallister tentava fazê-lo respirar novamente. Todos ficaram em silêncio, mas houve um instante que Gregory parou e olhou para mim com pesar.

— Não! — Anne gritou e começou a chorar.

Eu a abracei e chorei com ela.

9

A morte de Travis Winslet causou uma forte comoção nos amigos e vizinhos da família. O senhor Winslet estava inconsolável pela perda do filho mais velho e Gregory ficou ao lado dele para ajudar nos assuntos que pendiam para resolver o enterro.

Fiquei com Anne o tempo todo no quarto de hóspedes. Ela não conseguiu descer para o enterro e mesmo quando o senhor Travis veio vê-la se recusava a falar. Ela estava deitada, olhando pela janela como uma morta-viva.

— Ela pelo menos comeu? — O senhor Winslet quis saber.

— Não — respondi.

— Fique com ela, vou chamar o médico.

O médico veio ver Anne e fiquei do lado de fora do quarto. Quando ele saiu seu rosto estava pálido e temi por minha amiga. Entrei correndo e me sentei no colchão, com medo que o pior tivesse acontecido.

— Anne?

Eu a chamei, mas ela não se moveu.

— Anne, sei o quanto a morte do senhor Winslet a abalou, mas você precisa reagir...

Ela permaneceu em silêncio. Dura como uma pedra de gelo, não parecia piscar.

— Quer que eu escreva para o seu pai para ele vir buscá-la?

Finalmente tive sua atenção. Ela olhou para mim, os olhos claros e tristes, inconsoláveis. Lágrimas escorreram pelo rosto pálido.

— Estou grávida.

— O quê?

Ela enxugou as lágrimas teimosas.

— Descobri dias antes de vir para Dalton, quando lhe escrevi a carta — confessou.

— Anne! — murmurei com pesar. — Sinto muito!

— Eu também — admitiu triste.

— É do Duque? — perguntei e ela afirmou com o mover da cabeça. — E ele sabe?

— Sim. — Ela se esforçou para sentar e se recostar nos travesseiros. — Quando eu contei a ele, juro que pensei que ele ficaria feliz, mas ele não gostou, Alegria. Ficou furioso e me desprezou.

— Imagino sua decepção.

— Você não pode conceber a dor que é amar e ser desprezada! — comprimiu os lábios para não chorar copiosamente.

Senti que era um alívio para ela compartilhar isso comigo.

— Fui abandonada, lembra-se?

— Mas você nunca amou o senhor Stanford. — Ela forçou um

sorriso. — Mas eu amava Spencer com todo o meu ser e alma — fechou os olhos por um instante saboreando o próprio sofrimento.

Eu não quis fazer qualquer comentário que piorasse a situação.

— Então, ele se casou e me escreveu, pedindo que eu nunca mais o procurasse e desfizesse da criança tão logo ela nascesse.

— Oh, Céus! — fiquei chocada pela frieza desse homem.

— Eu vim para cá certa de reverter à situação...

— E você acreditou que o senhor Winslet seria o homem perfeito para pedi-la em casamento — concluí.

Ela fez que sim.

— Eu estava tão carente e desesperada — confessou. — Que seria capaz de aceitar qualquer um para fugir de meu destino e de envergonhar minha família com um escândalo tão grande.

— Compreendo.

— Mas então o verme mostrou as garras. — Ela falou com raiva.

Não compreendi.

— Do que está falando?

— Depois que vocês se afastaram do lago, Travis mostrou seu caráter dúbio. Ele me beijou e começou a passar a mão pelo meu corpo e, então, eu o empurrei. — Ela começou a falar, angustiada. — Tentou novamente, e dei um tapa em seu rosto e ele me devolveu e veio para cima de mim, dizendo que cobraria tudo que eu estava oferecendo. Lutei contra ele e

Travis acabou se levantando e eu também, então o barco virou — murmurou as últimas palavras.

— Que horror! — Eu estava sem palavras, completamente chocada diante de tamanha violência.

— Mas estou vingada. — Ela falou com um sorriso perverso.

— O que você fez?

— O médico constatou que eu estou grávida e eu disse que era de Travis.

— Anne! — Eu a reprovei.

— Não me julgue, Alegria. Meu filho não vai ser um bastardo e não vou dá-lo a ninguém! — falou determinada.

— Acredita que o senhor Winslet vai aceitar isso?

— O homem está arrasado e tem bom coração. Ele venderia a própria alma para ter o filho de volta. Tenho certeza que a notícia de um neto, mesmo nessas circunstâncias lhe trará certa paz... Por favor, Alegria, tente me compreender.

Como eu não a compreenderia? Era absurdo e ao mesmo tempo, eu a entendia.

— Vai dar tudo certo. — Eu segurei sua mão com firmeza.

— Obrigada, Alegria. Você tem sido uma grande amiga quando eu fui terrível por sentir inveja de você!

— Inveja de mim? — franzi o cenho. — Mas você tem tudo, Anne: sua família, seu título, sua beleza...

— Mas eu não tenho o amor que você tem, Alegria.

Ri nervosa.

— Amor?

— Sim. Essa fé nas coisas e uma esperança em um amanhã melhor.

— Eu?

— Sim, você. De todas as moças que conheci, você era a única que não tinha família, mas nunca deixou de ser agradável ou sorrir. Você nunca pareceu duvidar do que a vida poderia lhe oferecer de melhor. Seu mundo vira de cabeça para baixo e não a vejo lamentar um segundo sequer. Parece que você somente enxerga o lado bom de tudo...

Eu nunca havia notado que eu fazia isso, aliás, essa descrição não se parecia com a insegura e feiosa Alegria Keller.

— Então somos duas tolas. Porque eu sempre senti inveja de você por ser tão bonita e poder escolher seu próprio pretendente.

Ela riu entre lágrimas.

— Fui tão livre que me perdi. Querida Alegria, talvez essa prisão na qual você acha que viveu tenha sido seu maior tesouro.

Rimos como bobas.

— E já pensou no que vai fazer se por acaso o senhor Winslet não acatar sua mentira?

— Não posso me dar ao luxo de pensar desta forma. — Ela ficou séria. — Meu filho precisa de um lar, alguém que o ame de verdade e não ser chamado de bastardo.

Ela voltou a chorar e eu a abracei, consolando-a. Aquela deveria ser uma das piores situações que uma mulher poderia passar: amar, frutificar o amor e vê-lo ser desprezado por um homem abominável.

O velho Winslet não somente ficou emocionado com a notícia, como imediatamente escreveu ao Conde de Everleigh, dizendo o que ocorrera e que se houvesse a possibilidade de a própria família a desprezar, a partir daquele momento, ele tomaria conta de Anne como se fosse sua consanguínea. O desejo da família Winslet era ter Travis de volta de alguma forma e a imagem de um neto era perfeito. Enfim, o plano de minha amiga dera certo.

— Fico feliz que tudo tenha dado certo. — Eu a abracei quando nos despedimos.

— Estou grata por tudo que fez por mim, Alegria. Espero um dia poder retribuir em dobro.

— Sei que faria o mesmo por mim.

Ela deu uma risada de felicidade, olhou para o senhor MacCallister pelo canto do olho. Ele conversava com o senhor Winslet.

— De todas nós, alunas do convento, tenho certeza que você foi a mais afortunada com um marido tão belo e cavalheiro. — Ela sussurrou para mim. — Ele é um homem muito mais nobre e honrado que muitos aristocratas que conheci.

Eu precisava concordar com ela. E sorri. Eu e o senhor MacCallister partimos para Dalton. Acenei da carruagem para Anne e me virei para ele:

— Ela está feliz — comentei.

— Isso é o que importa.

— O senhor acha a felicidade algo importante?

— A senhorita, não? — retrucou.

E curiosa em minha própria limitação, perguntei:

— E o senhor está feliz?

— Sim, e poderia ficar mais se a senhorita me acompanhasse a um passeio quando chegarmos a Dalton. — Ele me convidou.

Não consegui conter o sorriso.

— Eu ia lhe fazer esse convite — sussurrei como confidência.

Quando chegamos a Dalton e ele me ajudou a descer da carruagem, me oferecendo o braço, meu coração saltou depressa quando minha mão deslizou pelo grosso tecido e pude sentir o calor de seu corpo. Tive que me segurar para não encostar minha cabeça em seu ombro e suspirar. Pude sentir o perfume quando o vento oscilou seus cabelos e íamos em direção a plantação de lavandas. O sol começava a se pôr enquanto ele me falava sobre sua vida como mineiro, em Shetwood, e eu o ouvia, encantada. Conseguia imaginar cada detalhe do homem com seu uniforme marrom lutando para sobreviver em meio ao caos e ao excesso de trabalho.

Acabamos por nos sentar embaixo da copa de uma árvore, como se fizéssemos isso todos os dias. Ajeitei o xale sobre os ombros e ficamos em silêncio contemplando a paisagem que nos tirava o fôlego.

— Eu amo o crepúsculo. — Meus pensamentos tomaram vida.

— Por quê?

— É como se eu reencontrasse meus pais, e me sentisse abraçada por eles — olhei para ele que me olhava atentamente. — Posso lhe contar um segredo?

— Sim.

Tomei coragem e contei a ele sobre o encontro com meus pais no dia em que eles morreram.

— Deve estar pensando que perdi o juízo, não é?

Ele fez que não.

— Dizem que quando há amor, a união dos espíritos é para sempre.

— Pensei que fosse católico — estranhei seu comentário.

— E sou. Mas há de convir comigo que o povo irlandês é muito supersticioso, tendo em conta que acreditamos em gnomos!

Rimos e eu me senti confortada com seu olhar penetrante. Mas quando ele começou a me causar certo formigamento debaixo da barriga, desviei o olhar para o horizonte e respirei fundo para controlar meus pensamentos.

Voltamos em silêncio para casa, apenas absorvendo a companhia um do outro. Vi que meu tio nos observava por detrás da cortina e senti um calafrio. Gregory notou meu tremor e franziu o cenho:

— O que foi?

Ele olhou na mesma direção e também viu meu tio, que fechou a cortina depressa.

— Não se preocupe com ele. — Gregory me encarou. — Ele não pode lhe infligir nenhum mal, estou aqui.

Eu queria me jogar nos braços dele, sentir seu calor e todo o conforto que havia por detrás de suas palavras. Não poderia duvidar de nada do que ele dizia. O senhor MacCallister era um homem determinado demais para que eu o ofendesse com minha própria covardia. Entramos na casa e John veio nos recepcionar e, então, ouvi um latido.

— O que foi isso? — entrei no salão e vi que a senhora Stewart segurava em seu colo um pequeno cachorro branco peludo.

Gregory ficou ao meu lado.

— É um presente. — Ele me informou.

— Presente?

— Sim. Costumo viajar a trabalho e quando a senhorita não puder me acompanhar, acredito que um cão lhe faria uma excelente companhia.

A senhora Stewart se aproximou de mim e me entregou o filhote. Senti seu pelo macio e suave e ele me olhou de uma forma tão cativante. Ai, meu coração estava tomado e quebrado ao mesmo tempo, afinal, não sabia ao certo o que dizer ou fazer. Eu nunca ganhara um presente antes de alguém que não fossem meus pais.

— Precisa escolher um nome para ele... — O senhor MacCallister lembrou.

— Hope — falei sem pensar duas vezes. — Obrigada, senhor MacCallister.

— É um prazer.

Ficamos nos olhando enquanto minha mão acariciava o cachorro.

— Tem que se arrumar para o jantar, senhorita. — A senhora Stewart me lembrou.

— Oh, sim, claro. — Eu saí do torpor que havia me envolvido. — Com licença.

Estava nervosa e tropecei na barra do vestido. Eu me perguntei se era normal perder a compostura diante do futuro marido ou eu estava perdendo o juízo. Mas eu não poderia perguntar isso a ninguém e dar forma aqueles sentimentos tão intensos que assolavam.

11

A novidade veio durante o jantar quando John anunciou a chegada de meu primo Raphael. Entretanto, o que me deixou em choque foi o fato de meu tio não esboçar qualquer sentimento, nem ao menos a cólera. Ele o havia deserdado, eles brigaram seriamente e agora meu primo voltava como se apenas tivesse feito uma viagem de férias.

— Chegou bem na hora do jantar. — Meu tio comentou como se ele fosse aguardado. Estava limpando os lábios com o guardanapo, mas pude ver um rápido sorriso.

Talvez, Raphael tenha escrito alguma carta ao pai e fizeram as pazes. Provavelmente era isso. Ele entrou a sala com seu porte elegante e roupas caras. Esperei que Irene estivesse logo atrás dele, mas ela não apareceu. Ele havia voltado sozinho.

— Senhores. — Ele se curvou. — Alegria.

— Raphael. — Eu sorri. — Que bom que veio. Sente-se conosco! Conhece o senhor MacCallister?

Os homens se cumprimentaram com polidez e Raphael se sentou do lado direito de meu tio.

— E o que o traz a Dalton? — O marquês perguntou ao filho.

— Voltei para casa — falou sério enquanto os empregados o serviam.

— Fico feliz que o bom senso o tenha acometido. — Meu tio sorriu satisfeito. — Temos muitos negócios a tratar.

— Acredito que sim — olhou para o pai de modo significativo.

— Estou contente que tenha voltado, Raphael. — Eu falei e sorri. Olhei para o senhor MacCallister pelo canto do olho e notei que ele nos observava. — Recebeu minha carta? — Eu quis saber.

— Sim e mais tarde falaremos sobre isso.

Raphael sorriu e eu soube que ele havia compreendido meu pedido de desculpas e o mal-entendido. Havia tantas coisas que eu desejava perguntar a ele, mas na presença de meu tio era impossível.

Fomos para o salão após o jantar e meu tio e Raphael se retiraram para o escritório. A senhora Stewart surgiu trazendo Hope e ele lambeu meu rosto, me fazendo rir. Saímos para a varanda e eu o deixei no chão.

— Comporte-se, Hope! — Eu avisei e ele tem um latido fraco.

— Por que escolheu esse nome? — O senhor MacCallister quis saber.

Eu nunca havia dito nada para um homem que não fosse um singelo cumprimento. Senti certa vertigem, mas era necessário falar. As palavras não aguentavam mais ficarem presas em minha garganta.

— Porque é o sentimento que o senhor trouxe para a minha vida. — Eu não acreditava que tinha conseguido pronunciá-las.

Os olhos dele brilharam de uma forma diferente. Como se houvesse encontrado em minhas palavras, o mais incrível tesouro. Sua mão quente

cobriu a minha em cima da grade e fiquei nervosa, sentindo dificuldade para respirar ou pensar. Ele ergueu a outra mão e com delicadeza segurou meu queixo. Uma forte intimidade caiu sobre nós e perdemos a noção do tempo e da decência.

Como a borboleta que toca suavemente a flor, seus lábios tocaram os meus e eu senti algo inexplicável arrebentar dentro de mim. Seu beijo era cálido e me fez sentir como se eu flutuasse. Ele se afastou para me encarar. Senti que estava febril.

— Que este seja o símbolo da nossa esperança. — Ele murmurou com os olhos semicerrados.

— Sim — sussurrei de volta.

Ele roçou seus lábios nos meus e eu senti muito mais que esperança. Senti...

— Vocês estão aqui! Que bom que os encontrei!

Nunca pensei que ouvir a voz de meu primo seria tão irritante. Ir para a baía e xingá-lo seria muito agradável naquele momento. Gregory se afastou sem pressa. Senti em seu olhar que não havia constrangimento, ao contrário, parecia satisfeito. Raphael indiscretamente se colocou entre nós, nos afastando.

— Eu estava pensando em qual presente poderia dar aos dois pombinhos!

— Não se preocupe com isso, primo. — Eu falava sem conseguir tirar os olhos de Gregory.

— Talvez minha égua Prit.

Olhei para o meu primo, perplexa:

— Não posso aceitá-la. É o animal mais caro do estábulo e sabemos que Dalton não está em seus melhores dias...

Ele franziu o cenho.

— Como sabe disso?

Eu havia falado demais. Olhei para o senhor MacCallister rapidamente e depois para Raphael:

— É o que os empregados comentam — observei indiferente.

— Não se preocupe. — Ele falou com o orgulho ofendido. — Meu pai está cuidando de tudo e logo nos reergueremos. Eu senti muita falta de Dalton. — Ele mudou de assunto.

— A senhorita Kimplestone ficou em Oxford?

Ele me olhou de forma dramática que eu conhecia muito bem.

— Ela me deixou. — Ele lamentou.

— Sinto muito.

— Ela me pediu para escolher entre ela e minha família. Tentei persuadi-la a me dar um tempo para convencer meu pai de aceitar nossa união, mas ela não tinha forças para suportar ficar ao meu lado e lutar. — Ele discursou e me encarou. — E, então, eu recebi sua carta...

Notei que ele tentava me dizer algo que eu não conseguia entender.

— Escreva uma carta para ela, se há um verdadeiro sentimento entre vocês, tenho certeza que uma linda carta de amor a fará mudar de ideia —

aconselhei romântica.

Ele virou-se para mim, dando as costas para Gregory.

— A verdade é que eu não tenho certeza de meus sentimentos por Irene.

O que estava acontecendo ali? Era impressão minha ou Raphael tentava flertar comigo, olhando-me de maneira diferente, com verdadeiro interesse, muito longe do fraternal.

— Sinto muito por você, caro primo. Não há nada pior nesta vida do que não saber onde se quer chegar.

Ele arregalou os olhos para mim.

— Você sabe?

— Sim, e espero que com a carta que lhe envie, você tenha compreendido que eu jamais tive qualquer intenção de ser sua esposa. — E dei meu melhor sorriso.

Ele levou um choque e mostrou um sorriso amarelo.

— Claro...

— Somos como irmãos. E desejo que seja muito feliz.

Atrás dele, o senhor MacCallister sorriu. Gostava de saber que eu conseguia lhe roubar momentos simples de felicidade. E sofri da tentação de lhe roubar mais.

Raphael virou-se para Gregory:

— Deve estar muito satisfeito por fazer parte de nossa família —

comentou.

— Muito. — Gregory respondeu com educação.

— Dada as suas origens, preocupa-me imensamente se saberá lidar com tudo que irá para suas mãos após o casamento — observou mordaz.

— Raphael — Eu o reprovei.

— Está tudo bem. — Gregory me assegurou e voltou a encarar meu primo. — Acredito, senhor, que não é preciso ser um plebeu para perder uma fortuna do dia para a noite.

Os dois se encararam com raiva. Senti necessidade de intervir.

— Agradeço a companhia dos senhores, mas vou me retirar — avisei chamando a atenção de ambos.

— Tão cedo? — Raphael se voltou para mim enquanto eu pegava Hope no colo.

— Sim, hoje foi um dia atípico — falei tentando não sorrir ao me lembrar do beijo e do presente que havia ganhado.

— Posso acompanhá-la? — Meu primo se ofereceu.

Eu sabia que ele queria humilhar o senhor MacCallister e, eu jamais deixaria.

— Em outro momento, meu querido primo — sorri. — O senhor MacCallister já havia feito o pedido.

Outro sorriso roubado. Ele avançou para o lado e me ofereceu o braço.

Eu adorava aquela sensação do toque da minha pele no tecido de seu casaco. Ele me acompanhou até o alto da escada, eu queria que o caminho fosse mais longo e não precisássemos nos separar tão depressa.

— Boa noite, senhorita Keller.

Ele se afastou e pegou minha mão para um beijo. Tremi.

— Boa noite, senhor MacCallister.

Antes que eu me afastasse, ele propôs:

— Acredito que podemos nos tratar com mais liberdade a partir de agora. — Seus olhos brilharam ansiosos pela minha resposta.

— Concordo.

Tentamos não sorrir novamente, mas foi inevitável. Aquela mudança de comportamento que se estabelecia entre nós, nos causava uma felicidade inominável.

Ele assentiu e foi em direção ao próprio quarto do outro lado do corredor. Entrei em meu quarto e soltei um longo suspiro, eu estava nas nuvens. Passei a mão em meus lábios, jamais esqueceria aquela noite.

12

O sol nasceu incrivelmente belo para uma cavalgada. A senhora Stewart me ajudou a me arrumar. Eu estava ansiosa para me encontrar com Gregory.

Quando o vi em pé no estábulo, junto do cavaleriço, senti uma emoção tão grande que tive que respirar profundamente para aquietar meu coração. Ele ergueu o olhar e me viu. Seu rosto sério se abriu para um largo sorriso e seus olhos brilharam como se eu fosse única. O dia frio do outono, de repente, estava quente e alegre.

— Bom dia, Alegria.

Meu nome era lindo saído dos lábios dele.

— Bom dia, Gregory. — Eu me esforcei para chamá-lo pelo nome de batismo e estranhamente isso me causou um torpor inesperado.

— Como passou a noite?

— Bem. Estou ansiosa por cavalgar.

— Vamos? — Ele indicou os cavalos selados.

— E onde está meu primo? — perguntei quando já havíamos saído para o campo.

— Eu os encontrei cedo: seu tio foi para Londres buscar o

reverendo para o nosso casamento e seu primo saiu para resolver alguns assuntos da propriedade — explicou.

— Então nos casaremos logo. — Havia ansiedade em minha voz.

— É o que parece — concordou e sorrimos um para o outro.

Cavalgamos pelos campos e chegamos a apostar corrida, mas era óbvio que ele tinha mais jeito para a vitória do que eu. Em tudo ele era imperioso, parecia dedicado sempre a estar entre os melhores, mas não por arrogância, mas por natural habilidade e eu o achava cada vez mais fascinante. Paramos perto do lago, onde ele salvara minha vida e os animais ficaram pastando enquanto caminhávamos ao longo da margem.

— Eu queria lhe pedir um favor — falei séria. — Sei que pode ser algo indelicado, mas sinto que posso tomar esta liberdade.

— O que a preocupa?

— É algo bastante pessoal — afirmei — E compreenderei se quiser se manter fora do assunto.

— Diga. — Ele pediu com firmeza.

— Quando eu estava no convento, minha tia, a marquesa, Lady Keller, deixou de me escrever da noite para o dia, e éramos muito ligadas. Soube por meu primo que ela havia sido internada em Bethlem, um hospital que cuida de pessoas com problemas mentais — expliquei.

— Eu já ouvi falar.

— Meu tio nunca me permitiu visitá-la.

Ele compreendeu.

— A senhorita gostaria de vê-la.

— Sim. Ao me tornar sua esposa, meu tio não poderá me impedir, não é?

— Realmente ele não poderá proibi-la de ir. Entretanto, ele pode impedir sua tia de receber visitas.

— Compreendo — disse com pesar.

— Não vou prometer nada. — Ele parou de caminhar e me encarou.
— Mas quando chegarmos a Londres, eu vou investigar sobre a situação de sua tia e averiguar a possibilidade de uma visita.

— Eu serei eternamente grata!

— Então, me escreva uma daquelas suas cartas e me sentirei pago por meu favor — galanteou.

Sorri. Senti que eu poderia escrever um livro inteiro para ele.

— Sim, eu escreverei.

— Ler suas cartas me causa enorme prazer.

— Prazer maior é o meu em escrevê-las...

Eu queria pular em seu pescoço e lhe dar mil beijos. Gregory abaixou-se e me roubou um beijo. Dessa vez, diferente da noite anterior, ele demorou mais, e instintivamente abri os lábios e senti minhas pernas ficarem bambas, apoiando meu corpo totalmente ao dele. Abandonada na luxúria que me acometia. Minha cabeça girou e ele me sustentou. Então se afastou e me

encarou com os olhos semicerrados.

Aquilo era tão indecoroso e tão bom. Mas eu sabia que não éramos casados ainda, e eu deveria me manter no controle, embora a cada dia isso parecesse impossível. Era como se eu estivesse acometida de alguma doença incurável e apenas o senhor MacCallister fosse capaz de aliviar os sintomas.

Como um cavalheiro, ele se afastou e me ofereceu o braço. Em silêncio caminhamos em direção aos cavalos, voltando para casa. Mal entramos na sala e John veio entregar uma carta para Gregory. Raphael entrou na sala em seguida, com seu sorriso mais amigável.

— Como foi a cavalgada? — Ele olhou de um para o outro. — O que houve?

— Eu não sei — respondi e também me virei para Gregory.

— Houve um acidente na mina, em Shetwood, e o duque exige a minha presença. — Ele relatou após ler a carta.

Fez inverno em meu coração e senti profunda tristeza em me separar dele naquele momento.

— Deve partir imediatamente! — Meu primo falou preocupado. — Vou pedir que preparem seu cavalo, não se preocupe! — E foi em direção à porta.

— Não. — A voz de Gregory soou imperativa.

— O que disse? — Raphael voltou-se para ele com o cenho franzido.

— Não é necessário que sele meu cavalo — assegurou e guardou a

carta no paletó. — Eu não irei.

Arregalei os olhos:

— Não vai?

Ele me fitou impassível.

— O Duque tem outros empregados que podem resolver o problema além de mim — disse com determinação. — Enviarei resposta avisando que não posso me ausentar de Dalton quando o reverendo está a caminho para o nosso casamento.

Sorri aliviada, minha respiração se alterou e senti uma vontade imensa de chorar e abraçá-lo.

— Mas o Duque pode se ofender! — Meu primo não desistiu. — Não deve ser prejudicar por isso. O que são mais algumas semanas ou dias?

Gregory estreitou o olhar para Raphael. Meu futuro marido pareceu preencher a sala ao caminhar em direção a ele, que parecia um pequeno verme minúsculo e insignificante.

— Agradeço sua insistente necessidade em me auxiliar, senhor Keller. Mas não saio desta casa — taxou. — Não arredarei meu pé daqui enquanto Alegria não se tornar a Senhora MacCallister.

Naquele momento, compreendi o verdadeiro significado da palavra viril. Eu estava maravilhada, olhei para o meu primo:

— Obrigada, Raphael, mas Gregory insiste em ficar.

Meu primo comprimiu os lábios e nos olhou contrariado. Eu conhecia aquele olhar de menino mimado que havia perdido seu brinquedo. Será que

ele estava enciumado pela presença de Gregory? Que tolo! Eu jamais deixaria de amá-lo como a um irmão.

— Já que deseja tanto ajudar, diga ao mensageiro para esperar. — Gregory mandou. — Mandarei resposta, imediatamente.

Foi a primeira vez que vi Gregory deixar sua eximia educação de lado e usar de autoridade com um homem que socialmente estava acima dele, afinal, Raphael era um lorde, filho de um marquês. Entretanto, era perfeitamente compreensível que agisse assim, quando meu primo nunca se mostrou educado com ele e mostrava abertamente seu contentamento em vê-lo partir.

— Como quiser, senhor. — Raphael quase rosnou e saiu com má vontade.

Gregory se aproximou de mim.

— Desculpe-me por minha grosseira com seu primo, sei que isso a perturba.

Segurei em suas mãos quentes e acolhedoras.

— Não me importo, Gregory — garanti e ele não conteve o sorriso. Eu os estava colecionando em meu coração. Cada um deles que eu conquistava, era uma terna lembrança no futuro. — Até pensei em lhe escrever duas cartas ao invés de uma depois do que houve aqui.

— Não irei embora até estarmos casados. Eu juro por minha honra.

— E eu acredito, Cavalheiro de Shetwood.

Ele deu uma risada diante da forma que o chamei.

— Cavaleiro de Shetwood?

— Conheci muitos nobres, mas nenhum deles merece o título como o senhor por tudo que é e que faz por mim...

— Todo esse contentamento é porque fiquei para me casar com a senhorita? — Ele debochou.

— Não. É porque sua honra está acima de qualquer coisa, o senhor tem a alma de um cavaleiro.

Ele ficou sério e acariciou meu rosto.

— Obrigado, Alegria.

— Pelo quê?

— Por permitir que eu demonstre o que de melhor há em mim...

— Agora o senhor merece três cartas — ri nervosa.

Ele beijou minha testa e me abraçou como se eu fosse o bem mais precioso de sua vida. E algo dentro de mim disse que eu era.

Meu primo Raphael desapareceu o dia todo e eu e Gregory podemos usufruir da companhia um do outro sem interrupções. Foi um dia sublime, descobrimos tantas coisas um sobre o outro e podemos falar sobre nossas vidas, sem nos ater ao que nos acercava. Era apenas Gregory e Alegria e não o empregado e a sobrinha do Marquês.

Nós nos recolhemos após o jantar e ao invés de me trocar, avisei à senhora Stewart para aguardar um pouco. Sentei-me em frente à escrivaninha e peguei minha folha de carta e comecei a escrever.

Primeiro para Anne, contando-lhe sobre o grande apreço que nutria por Gregory e como as coisas aconteceram entre nós de forma inesperada. Claro que não ousei chamá-lo pelo nome afim de que Anne não se sentisse livre para fazer perguntas íntimas. Finalizei dizendo que a aguardava em Dalton no prazo de dois dias para o casamento e, logo a receberia em minha casa em Londres.

Minha casa. Essas duas palavras me faziam resplandecer em pura felicidade. Em poucos dias, eu seria a senhora MacCallister e nunca mais colocaria meus pés em Dalton. Peguei outra folha de carta e comecei a escrever para o homem que estava me proporcionando esta vida nova.

Caro Cavalheiro de Shetwood,

Não sei o que dizer, ou expressar o que sinto, minha alma está repleta de coisas para falar, contudo, são tão intensas que não poderia nomeá-las. Escrevo com meu coração estas simples palavras em agradecimento por sua vida. Por ter atravessado meu caminho e me salvado, quando não havia mais saída para o meu sofrimento. O senhor me tornou um ser humano mais feliz e aguardo ansiosamente nossa união, porque sei que minha sorte estará ao seu lado para sempre. Ofereço-me da forma mais sincera e verdadeira para ser sua esposa até meu último suspiro.

Sua,

Alegra.

Era algo tão simples, mas eu estava tão nervosa que minha letra saiu um pouco tremida. Pedi a senhora Stewart que levasse para ele. Ela demorou para voltar e fiquei tensa, mas imensamente maravilhada, quando ela me estendeu o papel dobrado.

— O que é isso?

— A resposta. — Ela me sorriu cúmplice.

Desdobrei o papel, inquieta.

Futura senhora MacCallister,

Diante de intenso agradecimento, tomo a liberdade de lhe dizer que não há maior prazer nesta vida do que causar-lhe felicidade. Saiba que não sei dizer não ao seu menor pedido e por mais frágil que ele seja, estarei pronto para atender. Quem sabe, em um futuro próximo, eu possa lhe

despertar tão profundo sentimento que não encontrará palavras mais fortes que um olhar.

Seu,

Cavalheiro de Shetwood.

Terminei de ler e olhei para a senhora Stewart. Ela estava tão emocionada quanto eu.

— A senhorita vai responder?

— Claro que vou... — falei pegando outro novo papel para iniciar a carta.

Meu Cavalheiro de Shetwood,

Meu coração clama ansioso por sentir mais de suas promessas. Minha alma anseia por mais momentos tão sublimes ao seu lado. Confio que não apenas despertará emoções únicas, mas também me ensinará a corresponder com tamanho ardor e entusiasmo.

Senhora MacCallister.

Meu coração batia acelerado quando entreguei o papel a senhora Stewart. Ela voltou rapidamente, mas para mim pareceu séculos de angústia. Eu queria mais dele, precisava de mais palavras suas.

Minha senhora,

Não há entusiasmo mais forte que o meu em ser seu marido, o único homem capaz de lhe despertar infinito enlevo. Não apenas serei seu mais fiel amigo, confidente, mas seu companheiro, seu anjo da guarda, seu cúmplice e criado. Em mim a senhora encontrará a rocha para se sustentar, o alento para se erguer, o alimento para sua alma, e a força para seguir todos os dias. Sou seu até após a morte.

Seu,

Cavalheiro de Shetwood.

Não contive as lágrimas. Precisei me abanar para me refazer. A senhora Stewart também estava emocionada e me trouxe um copo com água.

— Oh, criança, ele a ama!

Eu ri enxugando as lágrimas.

— Ele não disse isso, senhora Stewart.

— E a senhorita duvida após ler tais palavras? E a senhorita também o ama?

Eu? Não consegui falar. Afinal, eu não tinha ideia do que era o amor. Como poderia ter certeza se o que vibrava em meu peito era o sentimento mais sublime de união entre homens e mulheres. Seria o mesmo sentimento que sempre vi meus pais devotarem um ao outro?

— Não vai responder a carta?

— Acredito que já tive emoções demais por um dia! — relutei covardemente.

O que eu poderia escrever?

— Aposto que ele está ansioso pela resposta. — Ela disse romântica.

Aquele foi todo o argumento que eu precisava para voltar a escrever.

Gregory,

Logo chegará o inverno e mesmo as paisagens mais frias e bucólicas nos convidam a pensamentos e reflexões mais abertos e vulneráveis ao carinho e à afeição. Devemos deixar nossos melhores sentimentos desabrocharem.

Com carinho,

Alegra.

Quando entreguei a carta a senhora Stewart, ela sorriu como uma jovem afetada e saiu do quarto rindo. Andei pelo quarto de um lado para o outro enquanto Hope se enroscava em meus pés. O tique-taque do relógio me ensurdecia em aflição pela espera de uma resposta. Então, ela retornou e tomei o papel de sua mão como se fosse o antídoto para salvar minha vida.

Alegra,

Diante de tais palavras, creio que todos os caminhos que percorrer ao seu lado me levarão à felicidade absoluta. Sua existência faz com que eu vislumbre um futuro inflado por sentimentos apaixonados. Mas de tudo nesta vida, a única certeza que me conforta é que somos um do outro para sempre.

Com carinho,

Gregory.

Eu abracei a carta e fechei os olhos, absorvendo intensamente tais palavras. Beije o papel como se assim fizesse o mesmo com Gregory. Muito mais que perfeito ou admirável, aquelas cartas eram o símbolo da minha esperança por dias melhores. Eu estava prestes a me casar com um homem insigne.

Peguei o papel e escrevi rapidamente. E, então, mandei a Gregory. A senhora Stewart voltou rapidamente.

— Desta vez não demorou. — Ela falou chateada. — O que foi que escreveu a ele?

Eu segurava o papel fechado em minhas mãos trêmulas e um bolo se formou em minha garganta. Fitei a senhora Stewart através de uma cortina de lágrimas. Eu havia escrito minutos antes: *“Acredito que eu o amo, Gregory”*.

E ele respondeu:

“Não mais do amor que lhe devoto, Alegria.”

Deitei naquela noite abraçada às cartas, como se meu corpo flutuasse em amor. Reli cada palavra até que o cansaço me tomou e adormeci. E sonhei com o amor que eu sempre procurara.

Acordei na manhã seguinte sentindo o perfume das violetas em meu quarto. Quando me olhei no espelho enxerguei uma jovem cheia de vida, com lindos cabelos castanhos, uma pele corada e vivaz. Vi meu sorriso de contentamento, os olhos brilhando de paixão pela vida. Gregory MacCallister havia despertado em mim o meu lado mais formoso e intenso. Nunca havia me sentido tão plena em todo o tempo.

Desci para o desjejum cantarolando, rindo de mim, ansiosa por reencontrá-lo e deixar que meus olhos se perdessem em sua beleza, no calor que me atraía e em suas atitudes tão firmes e honradas. A vida era mágica.

A sala de refeições estava vazia e a copeira veio me servir. Não demorou muito e Raphael surgiu primeiro, mas levei alguns segundos para notá-lo, ele estava parado diante da mesa, olhando para mim.

— Bom dia, primo. — Eu o cumprimentei e tomei meu chá. — Qual é a ordem do dia?

Como ele demorou para responder, levantei o olhar e notei sua palidez.

— Algum problema?

Ele hesitou.

— Não sei como lhe dizer isso — murmurou dando a volta na mesa e parando ao meu lado.

— Aconteceu algo com minha tia? — perguntei aflita.

— Não. — Ele me mostrou um envelope.

— O que é isso?

— Não gostaria de ser eu o portador desta notícia. — Ele me entregou o envelope que reconheci imediatamente. Era o mesmo papel que Gregory me escrevera as cartas na noite anterior.

Senti minha mão suar frio ao tocar o envelope e abri-lo. Levantei e fui para perto da janela, como de costume.

Senhorita Keller,

Às vezes, é necessário tomar decisões difíceis e nesta noite nebulosa meus pensamentos me fizeram reconhecer o erro que estamos cometendo. É necessária muita coragem para entender que não posso permanecer na mentira na qual veio me afundando: não sou o homem certo para ser seu marido, estou em nível inferior e temo não poder suprir esta diferença que nos separa como um abismo. Por isso, acredito que o melhor é que eu parta para sempre e que a deixe livre para ser feliz com alguém que possa suprir todas as exigências que requerem o fato de ser sobrinha de um homem muito nobre e distinto. Escrevo esta carta para consolá-la com a certeza de que compreenderá meus motivos para romper nosso noivado. O fim é sempre trágico, mas acredito que lhe trará mais conforto do que a desonra de se unir a um homem sem raízes, um plebeu infame.

Desejo-lhe o melhor, por isso, me retiro. Com respeito.

Gregory MacCallister.

Minha pele ficou arrepiada e tremi de pavor diante da verdade que se mostrava para mim. Meu coração se quebrou em mil pedaços ao descobrir que a maldade sobre mim não havia acabado. Não contive o choro preso em minha garganta por puro desespero, por cada palavra mentirosa lida. Amassei o papel com ódio e deixei minha dor e decepção flutuarem para fora da minha alma. Não havia pior decepção do que a da traição, da mentira e do engano.

Raphael tocou meus ombros e beijou o alto da minha cabeça.

— Não sei o que houve, Alegria. Ele saiu antes do nascer do sol, tentei persuadi-lo a ficar, que esperasse você para conversarem, que ele agisse como um cavalheiro, mas ele não quis...

Aquelas palavras eram uma facada em meu peito. Tudo era mentira.

— Por quê, Raphael? — foi a única coisa que consegui pronunciar.

Ele me obrigou a virar para ele, não consegui encará-lo.

— Não se sinta sozinha, minha querida prima, estou aqui para confortá-la!

— Oh, Raphael! O que eu vou fazer? Abandonada novamente!

Ele se afastou para me encarar.

— Meu pai está vindo com o reverendo. — Ele falou como se tivesse uma grande ideia. — Talvez seja o momento perfeito...

— Para quê? — inquiri confusa.

— Para que eu me redima de todo mal que já lhe fiz, Alegria, e

possa me casar com você e fazê-la a esposa mais feliz deste mundo!

Eu o fitei perplexa.

— Você... — gaguejei e levei a mão ao peito. — Você faria isso por mim? Mas e Irene?

— Nós fomos abandonados, enganados pelo amor. — Ele argumentou. — Podemos nos salvar dessa grande tragédia que nos acomete!

— Pensei que me desprezasse! — recordei temerosa.

— Nunca disse isso, Alegria. Meu pai inventou tudo para ofendê-la. Como pode ver, temos que nos unir, nos casar, e ir embora de Dalton para sempre. Viveremos um para o outro!

Eu estava desesperada e precisava fazer algo.

— Sim. — Eu o abracei. — Sim, Raphael, faça-me sua esposa.

Ele se afastou e me deu um beijo rápido nos lábios e a única coisa que senti foi uma repulsa que beirava o nojo. Ele não me despertava a paixão que Gregory me causara. Fiquei mais arrasada do que já me encontrava.

— Poderia me levar até Westmont? Preciso falar com Anne, por favor? — implorei.

— Claro, meu amor. Eu compreendo a necessidade que as mulheres têm de fofocar seus problemas. Especialmente em um momento tão triste!

— Sim, nós mulheres temos destas coisas! — hesitei. — Raphael, eu não acredito que você está fazendo tudo isso por mim! Você é um anjo! Eu não suportaria se você estivesse aqui!

— Alegria, eu serei o marido mais fiel e respeitoso que você merece!

Eu segurei sua mão com força e olhei dentro de seus olhos:

— Promete nunca me abandonar? Eu não suportaria, prefiro a morte!

— Não diga isso, se algo de ruim lhe acontecer, jamais me perdoarei!

— Oh, Raphael!

— Não fique triste, eu sou infinitamente melhor que esse tal mineiro do interior. E crescemos juntos! Podemos nos amar com a força da vida!

— Sim. — Eu fiz que sim. — Desde que fique ao meu lado, nada mais importa...

Ele me abraçou e beijou meus cabelos, dizendo que precisava de mim. Falou coisas que eu jamais imaginei que ele diria. Ele seguia dizendo que faria de mim a mulher mais feliz do mundo. E minhas lágrimas continuavam, eu estava em pânico pela partida de Gregory.

Raphael faria qualquer coisa para me agradar, por isso, me levou até Anne. Encontrei minha amiga tão feliz e plena que ela se chocou ao notar meu estado de desespero.

— Alegra! — Ela me abraçou. — O que houve?

— Oh, Anne! — comecei a chorar.

Ela olhou para Raphael e o senhor Winslet.

— Nós vamos discutir negócios. — O senhor Winslet avisou. — Podem ficar à vontade.

— Qualquer coisa que necessitar, estarei ao lado, Alegra. — Raphael disse preocupado.

Assenti e eles saíram, fechando a porta.

— O que houve? — Anne insistiu em saber me levando até o sofá para me sentar.

Enxuguei as lágrimas e a encarei:

— Esta manhã Raphael me entregou uma carta em nome do senhor MacCallister. No texto, ele se despede e diz que não pode se casar comigo!

— Ele partiu sem falar com você?

— É o que parece — respondi encolhendo os ombros.

— Como ele pode fazer isso?

— Ele não fez — respondi convicta.

— O quê? — Ela não compreendeu.

— A carta que Raphael me entregou não foi escrita pelo senhor MacCallister. Não é a letra dele! — contei com raiva. — Nós vínhamos nos correspondendo e as letras não batem!

— Alegria, está me dizendo...

— Que fizeram algo com Gregory — falei angustiada.

— Não pode ser! — Ela fez que não. — Seu tio o obrigou a se casar com você. Por que voltaria atrás?

— Obrigou porque estava desesperado! — Então lhe contei os motivos escusos que motivaram meu tio a propor casamento daquela forma rápida.

Anne se levantou, caminhou pela sala e, então, se voltou para mim:

— E o que o faria mudar de ideia?

— Eu não sei — balancei a cabeça. — Mas temo que meu tio pensou que ele fosse um tolo e ao notar que estava interessado em mim, resolveu descartá-lo. Raphael me propôs casamento e disse que se casará comigo amanhã, no lugar de Gregory.

Ela arregalou os olhos e deu um sorriso malicioso.

— Gregory? Você o chamou pelo nome de batismo!

Fiquei vermelha de vergonha.

— Você se apaixonou por ele! — Ela voltou a se sentar ao meu lado e segurar minhas mãos. — Oh, minha amiga! Isso é tão lindo!

— Nós passamos a noite trocando cartas e ele disse que me amava! — falei aflita.

— Um homem que diz amar não abandona a mulher a quem deseja sem explicar-lhe pessoalmente o fato.

— Que bom que acreditou em mim, Anne — levei a mão ao peito aliviada. — Preciso encontrar Gregory e temo que tenham feito algum mal a ele.

— E quer minha ajuda. — Ela concluiu.

— Quero que fale com o senhor Winslet! Gregory salvou sua vida e tentou salvar Travis, penso que ele poderia retribuir agora procurando Gregory para mim!

Lágrimas voltaram aos meus olhos.

— Eu não tenho ideia para onde o levaram, Anne. Não sei o que fazer.

— Claro que vou ajudá-la. — Anne sorriu para mim.

— Tem que ser rápido, antes que eles me casem com Raphael!

— Muito conveniente o seu primo voltar para casa e o senhor

MacCallister desaparecer! — Ela falou irritada.

— Não vou me casar com ele.

— Acalme-se. — Anne pediu e refletiu tentando se acalmar. — Faremos assim: você volta para casa e eu falarei com o senhor Winslet, para que seu primo não desconfie de nada. O senhor Winslet agirá em seu favor, afinal, não suporta seu tio.

— Não?

Ela fez que não.

— Ao que parece, o Marquês deve muito dinheiro ao senhor Winslet devido a uma negociação que fizeram.

— Posso imaginar...

— Você deve tentar agir como se acreditasse no que estão fazendo e amanhã eu irei buscá-la antes do almoço, prometo que não se casará com seu primo ou qualquer outro homem que não seja o senhor MacCallister.

— Ficarei esperando, Anne. Encontre-o para mim!

— Sim. Eu o farei. — Ela prometeu.

Voltei para Dalton em um silêncio profundo, mortificada pelo fato do que minha própria família fazia comigo e por dinheiro. Não havia outro motivo que não fosse minha gorda herança. Eu devia ter desconfiado que o retorno repentino de meu primo não fora em vão. Eu jamais o perdoaria por ter levado Gregory para longe de mim, e se algo de ruim acontecesse ao homem que eu amava, não sei do que seria capaz.

— Vou para o meu quarto — avisei com pesar quando John veio buscar nossos casacos.

— Quer que eu lhe faça companhia? — Ele quis saber.

— Não se preocupe. Minha cabeça está doendo, vou tomar um chá e me deitar.

— Sim, descanse. Essa tristeza vai passar e amanhã será um novo dia em nossas vidas.

Subi para o meu quarto, certa de que uma baia não seria suficiente para todos os xingamentos que meu primo merecia ouvir. Verme era o menos grave e feio.

— Eu amo você, Gregory — murmurei implorando a Deus para que ele me ouvisse. — Volte para mim...

Nunca pensei que o relógio podia ser algo tão irritante com seus segundos que se transformaram em horas. Passei o dia relendo as cartas de Gregory e adormeci chorando sobre elas. A senhora Stewart veio me trazer o jantar, mas eu me recusei a comer, tanto quanto me recusei a receber meu primo. Por mais que eu tivesse que fingir e estivesse conseguindo, depois de horas solitárias me torturando sobre o que poderia ter acontecido a Gregory, eu me sentia exaurida de todas as forças.

Quando finalmente o dia nasceu, eu me sentia sufocada pelas paredes que me cercavam. A falta de notícia por parte de Anne estava me deixando fora de mim. Era como se eu caminhasse para o sacrifício. Entretanto, planejar uma rota de fuga, caso fosse necessário, era mais fácil do que conceber que talvez eu houvesse perdido Gregory para sempre.

Se ao menos eu tivesse sido menos tola e prestado mais atenção aos pequenos detalhes, as coisas teriam sido diferentes. Mas eu jamais poderia imaginar que minha própria família me desprezasse tanto a ponto de me fazer mal. E tudo pelo dinheiro. Nunca pensei que meu primo fosse tão ganancioso a ponto de agir como um criminoso.

Sem poder me conter, desci para o salão. Ouvi vozes alteradas vindas do escritório de meu tio e me aproximei cautelosa. A porta estava entreaberta e meu tio e meu primo estavam perto da mesa discutindo. Meu tio deveria ter chegado na madrugada, quando eu dormia e não notei. Isso queria dizer que o

reverendo já estava sob o nosso teto.

— Você não poderia ter sido tão precipitado! — Meu tio o reprovou. — Falei para esperar eu voltar e, então, pensaríamos em uma forma de nos desfazer do mineiro!

Senti minha pulsação aumentar e meu peito subir e descer depressa.

— Não se preocupe! — Raphael falou com sarcasmo. — Ela não desconfia. Minha prima é tão carente e está tão desejosa de amor, que casaria com um sapo! — riu.

— Se ela aceitou a se casar com você, então todo sacrifício não foi em vão!

— Eu disse para confiar em mim, meu pai. — Ele abriu os braços. — Olhe para mim, sou mil vezes melhor que aquele mineiro ridículo. Tenho berço, com qual o senhor acha que ela preferia ficar?

— Espero que esteja certo!

— Estou...

— Não brinque comigo ou acabo com você! — ameaçou.

— Temos um acordo e vou honrá-lo! O que acha que vou fazer? Fugir com o dinheiro?

— Não ouse me passar para trás, Raphael, eu o conheço e sei que não voltou apenas para manter o dinheiro na família!

— Voltei por causa do seu vício, acabou com o dinheiro todo! — acusou o pai. — E preciso fazer algo para nos salvar ou viveremos como

mendigos em Londres!

— Como ousa me enfrentar?

— Não vou ficar com o dinheiro todo para mim. — Raphael falou ajeitando a gravata. — Pretendo partir para Londres hoje mesmo, após o casamento e interná-la em Bethlem.

Levei a mão à boca para não gritar.

— Direi que ela fugiu com o tal MacCallister após algum tempo e todos acreditarão. — Raphael contou seu plano minuciosamente.

— Então você me passa minha parte na herança e eu lhe deixo o título e você poderá se casar com aquela pobretona de Oxford!

— Uma troca mais do que justa... — Raphael se gabou.

— Lady Keller... — A voz de John soou no corredor.

E é claro que meu tio e primo ouviram.

— Estou procurando por Raphael, o senhor o viu? — falei em voz alta para ser ouvida.

— Alegria, está procurando por mim? — Raphael saiu do escritório.

Olhei para eles, comovida:

— Raphael! Sonhei que havia me deixado!

Ele parou diante de mim.

— Estou aqui — segurou minha mão.

— Meu tio — olhei para ele como se não o tivesse visto.

— Meu pai chegou de madrugada e trouxe o reverendo...

— Estou ansiosa — menti usando meu nervosismo a meu favor. — Não podemos casar logo?

— Acalme-se, minha sobrinha. Tudo ao seu tempo, o reverendo fará o casamento após o almoço como o combinado.

— Tudo bem — concordei. — E o que será feito contra o senhor MacCallister, afinal, aquele infame não pode ficar impune depois de ter me abandonado!

— Eu mesmo falarei com o Duque, minha querida. — Meu tio disse altivo. — E seu futuro marido lavará sua honra de alguma forma.

Notei que estávamos todos representando uma longa trinca de mentiras e interesses.

— Obrigada.

Ouvi latidos e Hope surgiu, eu a peguei no colo.

— Agora que o empregadinho se foi, não há porque manter esse presente ridículo debaixo do meu teto. — Raphael falou ríspido.

Apertei Hope em meu colo. E ele notou minha hesitação diante de sua estúpida exigência.

— Claro que um dos empregados de Dalton poderá cuidar dele quando partirmos para Londres. — Ele consertou.

— Não torture mais sua prima. — Meu tio saiu a meu favor como um milagre. — Ela passou coisas terríveis nas últimas semanas, merece uma

trégua.

— Perdoe-me. — Raphael sorriu.

Forcei um sorriso e eles pediram licença para discutir negócios e voltaram para o escritório. Eu não podia ficar naquela casa mais um minuto. Minha vida corria um sério risco e eu estava sozinha. Tomada de uma energia que eu desconhecia, fui em direção a porta de saída e a abri.

Havia um homem parado do lado de fora, que me olhou com cara de poucos amigos.

— Com licença — tentei passar, mas ele me impediu. Duas vezes e ele não me deixou ir para lado nenhum, sempre se colocando a frente.

— Saia da minha frente! — ordenei.

— Recebi ordens de não a deixar sair da casa, senhorita Keller. — Ele informou.

— Quem deu esta ordem?

— O Marquês! — respondeu e fechou a porta na minha cara.

— O quê?

A situação era mais séria do que eu imaginava. Ainda segurando Hope nos braços, andei pela casa à procura da senhora Stewart, mas não havia nenhum sinal dela.

— Sabe onde está a senhora Stewart? — perguntei à cozinheira quando entrei na cozinha.

— Lorde Keller deu folga para ela hoje. Ela foi visitar a irmã na

cidade — explicou.

Engolindo minha histeria que teimava em me afogar, fui para a porta dos fundos e a abri e ali havia outro homem impedindo que eu saísse. Decidi deixar Hope escondido e o coloquei dentro da dispensa. Comecei a andar pela casa. Fui para a biblioteca e tranquei a porta, ninguém usava este cômodo além de mim. Olhei ao redor e corri para a última janela arrancando as sapatilhas, antes de abri-la e sair para o jardim.

Não houve qualquer dificuldade para sair, mas alguém me agarrou por trás e me puxou. Soltei um grito.

— Onde pensa que vai, Alegria? — Raphael rosnou.

— Solte-me — ordenei.

Eu me contorcia nos braços dele e fiz força até morder seu braço com toda força que possuía e ele gritar de dor e me soltar. Saí correndo como uma louca, era a minha vida que estava em jogo e se ele me alcançasse, seria a minha morte.

Ergui as saias e corri o mais depressa que podia. Quando éramos crianças, Raphael nunca conseguia vencer as corridas por ser mais gordo que eu. Sempre fui ágil e isso me dava certa vantagem. Porém, não conseguiria correr toda a vida.

A ideia de morrer me apavorava tanto que eu não conseguia parar mesmo sob as ameaças dele atrás de mim. Quando atingimos a plantação de lavanda, eu ouvia os passos dele atrás de mim. Então pisei em uma raiz, torci o pé e caí. Soltei um grito de desespero quando meu primo se colocou em cima de mim e puxou meus cabelos. Tentei em vão me soltar.

— Largue-me!

— O que foi? — Ele bateu o meu rosto contra o chão e a dor foi terrível. Senti o sangue escorrer no canto da boca. — Eu não sou bom o suficiente para se casar comigo?

— Não!

Eu não havia respondido. Mas era o som de um trovão, o anúncio do dilúvio. Escutei o som oco do punho forte batendo contra o rosto de Raphael. Ele soltou meus cabelos e saiu de cima de mim.

Olhei para o lado e vi o anjo vingador que vira me salvar. Gregory me olhou com imensa ternura, seu rosto estava inchado no lado esquerdo. Os malfeitores haviam lhe batido e isso me magoou, sua camisa branca estava rasgada e suja, seu cabelo em desalinho, a barba por fazer.

Raphael gemeu e Gregory foi para cima dele e lhe deferiu socos, tornando seu rosto uma máscara de sangue.

— Isso. — Ele bateu com força. — É para nunca mais tocar uma mulher. — E deu um soco com fúria. — E este é por tocar a minha mulher.

Meu primo não reagiu. Estava desmaiado.

Gregory saiu de cima dele, os lábios crispados e estendeu a mão para mim. Aceitei e gemi quando fiquei de pé.

— Torci o pé — expliquei.

Sem pedir licença, ele me pegou no colo e eu passei os braços em volta de seu pescoço. Era a sensação mais deliciosa que eu já experimentara na vida. Ser carregada por Gregory MacCallister, mais uma vez ele salvara a minha vida, entretanto, agora eu estava bem consciente para sentir cada detalhe de seu toque.

— Está vivo! — falei emocionada.

— Prometi que a protegeria, Alegria. E estou aqui. — Ele falou tão emocionado quanto eu.

Eu não precisava de mais nada. Segurei sua nuca e o puxei para um beijo apaixonado, tão intenso que eu não ousaria descrever as sensações que me causaram no corpo e na alma.

Escondi meu rosto na curva de seu pescoço, ele seguiu me carregando através da plantação de lavanda. Meu lindo Cavaleiro de Shetwood.

EPÍLOGO

O senhor Winslet era um homem influente e através de conhecidos descobriu que meu primo havia contratado dois assassinos para matar o senhor MacCallister e jogar seu corpo no Tamisa. Entretanto, no meio do caminho, após voltar a si, Gregory rendeu os dois homens, os amarrou e voltou em direção a Dalton, encontrando o senhor Winslet no meio do caminho.

Gregory estava há cinco horas de Dalton e exigiu do cavalo tudo o que podia para chegar a tempo e me salvar do meio daquela gente perturbada. Ele sabia o que fariam comigo e foi ao meu encontro me salvar.

— Durante todo o trajeto rezei para que estivesse bem e eu conseguisse chegar a tempo. — Ele me contou muito mais tarde, depois de toda a euforia causada em Dalton e ficamos finalmente a sós. — Jamais teria me perdoado se algo tivesse lhe acontecido.

— A culpa não foi sua, Gregory. — Eu acariciei seu rosto e ele beijou a palma da minha mão. — Pensei o mesmo sobre você — fiz que não. — Caso eu o tivesse perdido, não sei o que seria de mim.

Ele me abraçou com tanta força e angústia e eu soube que jamais poderíamos ficar longe um do outro. Aproveitamos a presença do reverendo na casa e no dia seguinte nos casamos com a presença da senhora Stewart, Anne e o senhor Winslet.

Meu tio e meu primo foram presos e levados para a prisão em Londres. O Marquês ainda tentou acusar o próprio filho de ter agido sozinho. Porém, havia mais acusações contra ele. A internação desnecessária de minha tia foi uma delas.

BETHLEM ROYAL HOSPITAL.

Eu li a placa de ferro em cima do portão e Gregory segurou firmemente a minha mão antes de entrarmos no hospital. Estávamos acompanhados do advogado, que conseguiu um pedido de liberação de minha tia, sob a tutela de Gregory, que fez uma doação generosa ao hospital a fim de facilitar a saída da marquesa.

O lugar era opressor e terrível. Havia pessoas gritando, gente doente andando nos corredores, babando. As paredes eram sujas, tinha o aspecto lúgubre, parecia o inferno na terra. Quando ouvi uma mulher gritando por socorro olhei para o meu marido desesperada e rezei para que saíssemos depressa, qualquer um enlouqueceria naquele lugar. E pensar que a ideia de meu primo era me deixar ali.

Entramos em uma antessala e uma funcionária mal-encarada pediu que aguardássemos. Sua roupa era tão apagada quando a expressão de seu rosto, o que destoava era o pesado molho de chaves que carregava pendurado na saia cinza. Andei de um lado para o outro, descobri que tenho horror ao tempo quando estou ansiosa. Até que a porta foi aberta e uma mulher cadavérica surgiu amparada por uma enfermeira.

— Tia Clotilde?

Ela ergueu o olhar para mim. Por um instante, temi que não me reconhecesse, mas então os olhos escuros se arregalaram e ela sorriu.

— Alegria? — Ela começou a rir e a chorar. — Você finalmente

veio! Eu sabia que viria!

Corri para abraçá-la e a beijei com saudade.

— Sim, tia. Estou aqui...

— Sabia que você sentiria falta das cartas e viria me buscar, eu sempre soube, nunca perdi as esperanças...

Nós duas choramos, ambas livres da loucura do marquês e de seu filho. Fomos para casa e aos poucos ela foi se recuperando, a lucidez foi voltando e ela tomou conhecimento da realidade que a cercava. Voltou a pintar seus quadros tão apaixonados e um dia ela perguntou sobre o marido e o filho, e eu lhe contei tudo. Não por vingança, mas porque ela merecia saber a verdade.

— Cada pessoa colhe o que planta, Alegria. — Ela comentou quando terminei de lhe contar tudo.

— Sim, tia.

Então ela me contou que Raphael também participara de sua internação. Ela herdara uma fortuna de uma tia e eles queriam o dinheiro, como ela se recusou a assinar a procuração, meu tio e meu primo a internaram como louca.

— Raphael decepcionou-me grandemente — falei com pesar.

Ela bateu a mão de leve sobre a minha.

— Eu também, querida. — Ela sorriu. — Mas a vida lhe retribuiu imensamente, não foi? — E olhou para Gregory.

Meu marido estava consertando uma porta do outro lado da sala.

Tínhamos dinheiro para comprar uma porta nova e pagar alguém para instalá-la. Contudo, meu precioso irlandês preferia fazer o trabalho pesado. Ele seguia trabalhando para o Duque de Montgomery, sendo seu empregado mais confiável.

O que eu sentia por meu marido ia além do amor e da paixão, envolvia respeito e admiração. Ele era um homem tão íntegro que a ideia de ter se casado comigo por dinheiro era ridícula. Hope latiu debaixo dos meus pés, o peguei no colo e fui até a janela olhar o jardim vasto de nossa casa, a mesma que vive com meus pais, começava a nevar.

E fomos passar o Natal em Shetwood, com os pais de Gregory. A senhora MacCallister era uma mulher robusta e rabugenta, havia dado à luz ao seu décimo quinto filho. A

casa pequena era bastante movimentada com o entra e sai das crianças e havia necessidade de ampliar. Gregory comprou um terreno melhor para construir uma nova casa para a família.

— Sabia que a casa da Colina está habitada novamente, Greg? — A mãe perguntou e senti uma pontada de malícia em sua voz.

— Casa da Colina? — perguntei confusa.

— Sim. Aquela que pertencia à Phedra Johnson e foi comprada e reformada pelo senhor Stanford, dono das minas de carvão. — Ela explicou sabendo quem Alegria era. Gregory olhou para a mãe de soslaio, mas ela fingiu não ver. — Vai fazer uma visita a eles, Greg? Tenho certeza que Beatrice vai adorar ver você!

Ele não teve tempo para responder, eu fiz:

— Teremos muito prazer em visitar Lady Stanford, senhora —

forcei um sorriso. — Gregory falou muito sobre ela e o quanto a amizade dela é importante para ele. Além disso, o senhor Stanford é o patrão de meu marido, seria uma falta de educação inominável não os visitar.

Minha sogra se calou sem graça e eu pedi licença para sair da casa e respirar. Como eu queria uma baia para xingar naquele momento.

— Alegria. — A voz de Gregory ecoou na noite fria e eu me virei para ele. — O que foi?

Suspirei, vencida.

— Eu o amo tanto, Gregory, que a simples ideia de perdê-lo me deixa atônita — confessei. — Desesperada é a palavra correta!

Ele começou a rir.

— Do que está rindo?

Ele se aproximou, descruzou meus braços, me acariciou com seu olhar apaixonado e profundo e proferiu:

— Eu deveria ter ciúme quando o senhor Stanford era seu noivo — balançou a cabeça divertindo-se. — Nunca tive nada com Beatrice, bem sabe.

— Eu sei — abaixei a cabeça envergonhada por minha impulsividade de sempre.

Ele ergueu meu queixo e me obrigou a encará-lo:

— Eu a amo tão profundamente, que apenas a morte poderia nos separar.

Ele desceu os lábios sobre os meus e me deu um beijo apaixonado.

Então, se alguém me perguntar o que é o amor, vou responder: o amor é Gregory MacCallister.

— Feliz Natal, meu amor. — Ele me felicitou quando nossos lábios se separaram.

— Feliz Natal, meu Cavaleiro de Shetwood!

Ele me beijou mais uma vez, antes das crianças aparecerem eufóricas, nos empurrando e nos fazendo rir.

Fim

OUTROS LIVROS DA AUTORA

ROMANCES HISTÓRICOS

SÉRIE CASAMENTO ARRANJADO

Lançados pela Editora Portal – <https://bit.ly/2CufAPk>

O DUQUE <http://a.co/d/fq3JCTx>

A inglesa Victoria Longford foi prometida em casamento ao decrepito francês Sebastian Funevaire, desde os treze anos, quando sua irmã fugiu com um estranho e deixou Funevaire no altar. Fadada à infelicidade, longe do olhar da sociedade, espera angustiantemente completar dezoito anos para que o casamento seja realizado. Mas seu caminho cruza com o de Philip Beltoise Cevert, o arrogante e prepotente Duque de Trintignant. Ele lhe rouba um beijo durante uma festa, em Paris, e ela paga um alto preço por isso. Com sua honra manchada, um casamento desprezível a caminho, ela terá de abrir mão de todo seu orgulho para tomar um novo rumo em sua vida...

O YANKEE <http://a.co/d/icbgrMT>

A inglesa Helena Thompson foi criada pelo pai para ser uma linda senhora casada e com filhos e uma vida próspera. Entretanto, sua alma aventureira e rebelde a levou a se envolver com a Guerra de independência dos Estados Unidos, mas ela não estava do lado de seus compatriotas e sim dos colonos americanos. Sua escolha vai levá-la a conhecer o enigmático Capitão Maximillian Taylor, e se apaixonarem perdidamente, entretanto o amor deles é impossível, ele é um ianque que entregou o coração ao mar e ela uma inglesa que jurou a si mesma nunca mais confiar em um homem. Contudo, o destino vai conspirar contra esses dois corações teimosos e suas vidas vão se entrelaçar de uma forma inesperada...

O PLEBEU <http://a.co/d/3knFChB>

Stefano De Marco é um simples fazendeiro da região de Sevilha, na Espanha, quando sua vida é bruscamente destruída através de segredos e uma grave traição que o levará à Prisão Provincial, em Madri. Filho bastardo do Conde de Montebianco, ele é resgatado da forca e sua vida totalmente transformada ao herdar do falecido pai o título e toda sua riqueza. Inclusive, um Casamento Arranjado com sua suposta madrasta, Valentina de Astoria e Valência. O que Stefano não esperava era que fosse se apaixonar de forma avassaladora por Valentina e descobrir que ela era muito mais que uma nobre dama: é uma princesa cigana que mantém seu passado em segredo. Preso à promessa de vingança contra os que o enganaram no passado, o novo Conde se vê enredado em uma trama de preconceito, poder e guerra. Ele terá que fazer difíceis escolhas, em que a única chance de sobreviver será agarrar-se ao mais forte sentimento da vida: o amor.

SÉRIE IRMÃOS MONJE CRUZ

DANIOR – LIVRO 1 <http://a.co/d/7uz8AH7>

1782. O Rei da Espanha odiava os ciganos e os perseguia sem qualquer piedade, dizimando tribos, torturando-os e os matando. Danior Monje Cruz, líder no povo Rom, se tornara uma lenda de justiça e poder, lutando contra o preconceito do Rei Tirano, tornando-se seu maior inimigo. Entretanto, depois

de alguns anos de guerra fria e vivendo escondidos, o destino resolve desafiar a paz que Danior conquistara para seu povo. Atormentado por erros do passado, e pela necessidade de um futuro melhor, Danior terá seu coração arrancado do peito mais uma vez e ele terá que fazer uma escolha entre o amor e ódio.

SÉRIE CONTOS DE NATAL

A CASA DA COLINA <http://a.co/d/daHrVi9>

1860. A Inglaterra está a pleno vapor com a Revolução Industrial, e não é diferente na pequena Shetwood, aonde as minas de carvão se movem dia e noite. A vida de Phedra Johnson sempre foi difícil, mas ela nunca perdeu as esperanças de dias mais felizes. E mesmo quando seu pai morreu e seu primo Scott Fielding apareceu para tomar posse da herança, ela deixou de acreditar que as coisas poderiam melhorar. E enquanto todas as moças de Shetwood querem casar-se com Scott, seu único desejo é manter seu emprego, ser independente e partir para Londres, aonde recomeçaria sua vida. Mas há a Casa da Colina, o lugar em que Phedra nasceu; a pequena Beatrice por quem ela tem um grande carinho; e também há a possibilidade de um novo e poderoso amor. O natal está chegando, e por que não acreditar que as boas novas estão por vir? Descubra neste conto um presente de natal.

DE VOLTA A CASA DA COLINA <http://a.co/d/0HwJLia>

Beatrice foi adotada por Vincent e Phedra Turner, os Condes de Waterford, e eles moram em Londres, onde ela tem uma vida de regalias na nobreza. Os anos passaram, mas a jovem nunca deixou de ser aquela garota das minas de Shetwood, por isso, ela opta por voltar às suas origens e decidir o que fazer de sua vida. Entretanto, Shetwood não é mais aquele simples vilarejo, tornou-se a maior produtora de carvão da Inglaterra industrial e ela vai encontrar o caos movido pela ambição do dono das minas, Robert Stanford, filho dos Duques de Montgomery: Farell e Meredith. E isso vai contra todas as crenças e convicções da jovem. Porém, as coisas não são como parecessem ser e Beatrice ficará dividida entre passado e futuro, em meio ao amor e seus valores. De Volta à Casa da Colina é mais um conto de natal como presente para aquecer os corações dos leitores.

O CAVALHEIRO DE SHETWOOD

O dia de Alegria Keller não foi dos melhores. Ela foi abandonada, humilhada e rechaçada de uma forma tão cruel, que cega pelo desespero, se jogou no lago gelado da propriedade. Entretanto, um corajoso cavalheiro a salva e seu tio os obriga a casar, para abafar o escândalo que se formara na vida da jovem. Alegria não tem muitas expectativas sobre a vida, a não ser encontrar o amor. Contudo, uma pergunta paira no ar: como é o amor e como ele acontece? Será que Alegria será capaz de descobrir esse tão sublime sentimento quando encontrá-lo? Descubra isso em mais este conto de Natal.

SÉRIE DAWSON WESTERN

A FORÇA DO AMOR <http://a.co/d/1kEcQ01>

Donna Mae Clarckson é uma mulher à frente do seu tempo, preocupada em tornar o vilarejo em que mora no velho oeste, em uma cidade próspera que conste no mapa. Ela não está ansiosa para encontrar um marido e ter filhos, ao contrário, há muito tempo esse detalhe foi riscado de sua lista de prioridades. Entretanto, a chegada do novo padre no povoado, não vai somente mudar a rotina das pessoas, mas fazer com que a destemida Donna Mae tenha medo dos desejos de seu coração e passe a querer mais do que pode ter...

Bradford Dawson foi enviado para Crescentfalls para averiguar as mortes misteriosas dos últimos cinco padres, e nada melhor do que se passar por um pároco para fazer sua investigação. Mas de todos os

perigos, o mais temível deles resolve bater a sua porta: a bela e corajosa Donna Mae Clarckson, que ameaça os planos de Brad de nunca entregar seu coração a uma mulher...

HISTÓRICOS HOT

O CONDE DE DENBIGH <http://a.co/d/hBYXndU>

Ethan Parker, o Conde de Denbigh, está acostumado à vida sem regras, e gastou toda sua fortuna até chegar à falência, e ser obrigado a se casar com a enteada de seu tio, a solteirona, Nora Howard, uma mulher à frente de seu tempo e com pensamentos de prosperidades para a propriedade abandonada de seus parentes. Ethan não quer se casar, mas recebe uma proposta indecente de sua noiva, algo que ele nunca poderia imaginar: ela pagaria suas dívidas, lhe daria dinheiro para sustentar seu vício nas mesas de jogo, e em troca ele deveria ser um marido fiel, bom amante e manter as aparências como um conde íntegro. Nora é madura suficiente para lidar com a situação e Ethan um libertino, portanto romantismo estava longe de existir entre eles. Mas tudo pode mudar do dia para a noite, e uma paixão avassaladora tomar conta daqueles dois corações solitários, mudando suas vidas para sempre.

O PIRATA E A PRISIONEIRA <http://a.co/d/9VhJHoa>

Quando os olhos do Pirata Derek Coleman caem sobre a prisioneira Ravena Bryant, ele não faz ideia da aventura que está prestes a embarcar. Acostumado a vida errante, ele quis Ravena apenas para satisfazer seus desejos durante a viagem de Londres às Treze Colônias, enquanto levava os prisioneiros condenados à expatriação. Quando Derek lhe propõe que se torne amante dele, Ravena sente vontade de desafiar e se libertar das amarras da sociedade que a condenou. Entretanto, mais do que gemidos e novas sensações, ela vai compreender o nascimento de um forte sentimento que se espreita nas sombras do navio Savage.

VOLUME ÚNICO

A CARTA <http://a.co/d/7u9MB83>

Meredith Willcox, a Condessa de Durant, ficou viúva há pouco tempo e vive isolada ao norte da Inglaterra, sem qualquer plano de voltar a Londres. Até que ela recebe a visita de Farell Stanford, sobrinho de seu falecido marido, e a quem ela amou com todas suas forças no passado, o mesmo homem que a desgraçou, abandonando-a sem piedade. Farell viajou por vários dias até Pharousburg, para que o testamento de seu tio se cumprisse e ele pudesse finalmente se vingar daquela vil mulher, que destruiu seu coração e ainda se casou com seu tio por interesse. Entretanto, a forte nevasca o prende naquele inóspito lugar e ele é obrigado a enfrentar seus sentimentos profundos por Meredith e a confrontá-la com a carta que ela escreveu há dez anos. A Carta que os separou. Segredos serão revelados e feridas novamente se abrirão de forma devastadora. Pode o amor sobreviver a tantas mentiras?

ROMANCE HISTÓRICO LGBT

SUBLIME <http://a.co/d/5HQc5EK>

No século XIX, Elise Lewis é a filha de um poderoso banqueiro inglês, destinada a casar-se com Henry Harington, um homem muito e rico e intensamente apaixonado por ela. Elise é infeliz e se sente culpada por não sentir nada por Henry. Sua vida muda quando Anne Handerson atravessa seu caminho.

Anne está destinada a ser freira e falta pouco tempo para isso e Elise será sua dama de companhia até que ela se vá. Entretanto, há certos sentimentos que são mais fortes que as regras sociais e elas vão se apaixonar perdidamente. Mas o que o futuro lhes aguarda?

CONTEMPORÂNEOS

SÉRIE DAWSON (COWBOY)

UMA SEGUNDA CHANCE <http://a.co/d/4fb>

Mitchell Dawson está fora de casa há dez anos. Quando retorna ao haras Dawson, ele é recebido a tiros por uma linda morena de temperamento um tanto hostil, Terence Reynolds. Através dela descobre que as terras de sua família estão endividadas e destruídas, e que seu irmão Steve está preso, acusado de matar a ex-mulher e o amante. Para completar ainda tem dois sobrinhos gêmeos precisando de seu carinho. Terence era babá dos gêmeos no haras e está disposta não somente a ajudar Mitchell a recupera-los, mas também salvar as terras e provar a inocência de Steve, mesmo que segredos de seu passado tão obscuros viessem à tona. Em meio a intrigas, mentiras e morte, o que ambos não esperavam é que um momento de solidão fosse despertar um sentimento tão forte, que levaria Mitchell a lutar por esse amor com todas as suas forças.

O FALCÃO DO DESERTO <http://a.co/d/hd7JhwH>

Depois de ser acusado da morte da esposa e de ficar sete meses em uma prisão, a única coisa que Steve Dawson queria era apenas trabalhar no haras da família, criar seus filhos gêmeos, James e John e viver em paz. Entretanto, quando a jovem Dakota Seymour precisa de sua ajuda, ele percebe que é impossível estar alheio ao desejo natural que os homens sentem pelas mulheres. Ele vai lutar contra esse sentimento com todas as forças que possui, até perceber que o que está escrito ninguém pode mudar.

CONTOS ERÓTICOS DE NORA

O BAILE DE CARNAVAL COM O CHEFE <http://a.co/d/f68vT9e>

"Alguma vez na vida, você já quis tanto uma pessoa que estava além da sua realidade? E você a desejava de tal forma que seria capaz de qualquer coisa para ficar com ela? Eu não sei explicar como tudo aconteceu, mas ainda me lembro do dia em que coloquei os pés naquele escritório de engenharia e me apaixonei perdidamente pelo meu chefe. Isso mesmo. Não estou falando de coisas românticas, como uma vida toda ao lado da pessoa, amor, jantares a luz de velas, flores, encontros... Não! Para com isso! Estou falando de sexo, da pura luxúria de seu corpo precisar de outro para se saciar."

Nora está louca para transar com seu chefe, Hector Vaz, mas tem medo de perder seu emprego. Quando está prestes a desistir e afogar suas mais intensas fantasias, surge uma grande oportunidade de finalmente se tornar seu amante, em um baile de máscaras durante o carnaval. Tudo parece perfeito... Ou quase tudo...

Um conto hot onde a liberdade está em quem sabe seus limites.

FIM DE SEMANA COM O CHEFE <http://a.co/d/fQZBU3s>

Nora realizou sua fantasia e transou com seu chefe, Hector Vaz, em um Baile de Máscaras e sua vida teve uma reviravolta: perdeu o emprego. Mas por sorte, está se mudando para São Paulo e vai trabalhar

em uma multinacional francesa. O que ela poderia querer mais? No seu último fim de semana no Rio de Janeiro, ela participa da festa de quinze anos de sua sobrinha, Larissa, e vai reencontrar Hector e sentir que a química entre eles é mais forte do que ela imaginava. Apesar das diferenças, eles vão se entregar ao desejo e aprimorar o prazer entre eles. Entretanto uma nova conexão pode surgir: o sentimento. Como eles vão reagir ante esta novidade?

COMÉDIA ROMANTICA

QUERO ME CASAR <http://a.co/d/2SIVhNN>

Melissa Albuquerque sempre foi obcecada pela palavra casamento, tanto que tem seu próprio Buffet. Ela está prestes a se casar com seu atual namorado e realizar seu grande sonho. Jonathan Ávila é um homem de negócios frio e prático, que decidiu se casar para dividir a responsabilidade de cuidar de seus sobrinhos. O caminho deles se cruza e uma química forte explode e tudo vira do avesso. Entre traições, segredos e escândalos, suas histórias vão mudar para sempre...

O EDITOR <http://a.co/d/1Oiz4Ey>

Ela é a jornalista mais bem paga e ele o editor do jornal mais vendido. Elizabeth e Alex se detestam. Mas os tabloides dizem que eles estão tendo um caso. Eles têm duas escolhas: ignorar o fato ou ganhar dinheiro com a publicidade gratuita. Como sempre, eles decidem ganhar e uma improvável atração explode entre eles. Entretanto, o mundo da notícia pode ser uma faca de dois gumes e Elizabeth tem inimigos que querem tirá-la do caminho a ponto de não poder confiar em ninguém, inclusive, no homem que a faz delirar de prazer. O que ela não sabe é que Alex também não ficou imune ao que aconteceu entre eles e será capaz de tudo para tê-la de volta. Pode Elizabeth aceitar que todos merecem uma segunda chance? Inclusive, o insuportável Editor?

CONTOS

ESCOLHAS <http://a.co/d/aYDaL53>

Esse conto narra a história de amor intenso de Melany e Jerry. Dois jovens tão apaixonados e dispostos a cometer erros terríveis e esconder segredos dolorosos. Numa narração moderna entre presente e passado, esses dois vão descobrir que o amor pode ser mais forte que a morte.

FLÁVIA PADULA

É jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher e escritora.

Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*.

Recebeu vários prêmios literários no Brasil.

Também é autora dos romances históricos *O Duque, O Yankee, O Plebeu, A Casa da Colina, De Volta à Casa da Colina, A Carta, Conde de Denbigh, Sublime, A Força do Amor e O Pirata e a Prisioneira*. De literatura contemporânea iniciou com *Uma Segunda Chance, O Falcão do Deserto* e do conto *Escolhas*. Estreou na Literatura Erótica com os Contos *O Baile de Carnaval, Fim de Semana* e com a Comédia Romântica *Quero Me Casar e o O Editor*.

Facebook

<https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora>

Instagram

@flaviapadulaescritora